

EXTRA: COLLOR VAI SE MUDAR PARA O PALÁCIO DA ALVORADA!

DENÚNCIA VAZIA NELE, PESSOAL!



BRASIL AGORA

LARGA O OSSO, COLLOR!



ANO I Nº 23

14 A 27 DE SETEMBRO DE 1992

CR\$ 5.6000,00

*Quosque tandem,
Fernandinho,
abutere
patientia
nostra?!*



CONTAGEM REGRESSIVA



ZÉ DIRCEU

*Uma coisa é certa:
Collor vai sair.*

PÁGINAS 6 E 11



JAIR MENEGUELLI

*Parar o Brasil no
dia da votação*

PÁGINA 14



OLINDO LINDBERGH

*A UNE voltou
para ficar*

PÁGINA 15



SANDRA DE OLIVEIRA

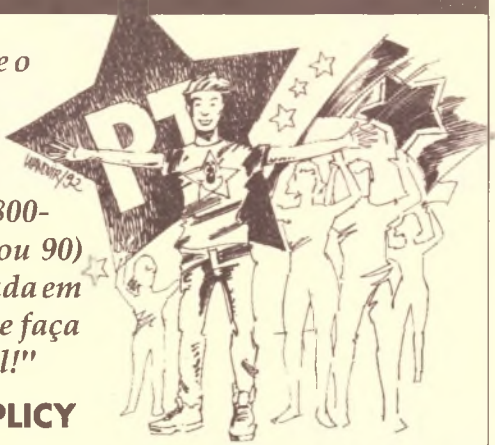
*Uma secretária
cheia de surpresas*

PÁGINA 16

DIÁLOGO

"Transparência e Cidadania: no país onde o abuso do poder econômico nas eleições é regra, quero que minha campanha seja ética e todos saibam quem a financia. Por isso, criamos o Tele-Suplicy. Você telefona para 0800-1313 e mais dois números (05 ou 10 ou 50 ou 90) registrando sua contribuição, que será debitada em sua conta telefônica. Disque o Tele-Suplicy e faça parte da nova cultura política para o Brasil!"

EDUARDO SUPLICY



ANOS REBELDES

Assisti aos 20 capítulos da minissérie *Anos Rebeldes*. Não encontrei nenhuma deformação gerada pela suposta censura da cúpula da Rede Globo, fato comentado pela Folha de S. Paulo e por alguns companheiros do PT. Se houve censura, foi tão bem feita, que nem deu para notar.

Um tema apaixonante, como os *Anos Rebeldes*, é igual a um gol perdido. Nós torcedores e espectadores não resistimos e palpitamos sobre como os autores "chutaram" o roteiro.

Os companheiros que ainda não fizeram um acerto de contas com o passado, tentaram, mesmo sem perceber, resuscitar o chato e sem graça "realismo socialista". Desejariam ter visto a minissérie transformada numa barricada. De um lado, os fuzis em defesa da revolução proletária; de outro, as armas da repressão, e ponto final. Nada de "romantização", o difícil seria segurar os espectadores diante da telinha.

Roteiro de Gilberto Braga e Silvio Tendler, de uma maneira geral foi fiel aos fatos. Os *Carbonários* de Alfredo Sirks e 1968, de Zuenir Ventura, foram obras referenciais; aliás, isso ficou claro nas palavras dos autores da minissérie, que de resto deram o inevitável toque que todo autor dá em qualquer adaptação.

A "romantização" não é uma falsificação dos fatos, é um recurso para estabelecer laços entre os fatos. O pecado maior dos *Anos Rebeldes* foi, talvez, ter apresentado revolucionários de carne e osso, despedidos, reais e humanos. Com virtudes e defeitos, grandezas e fraquezas, valores caros demais a uma esquerda que imagina o homem novo, comunista (?), supostamente sem defeitos.

Aquela geração de ouro, da qual nós do PT somos filhos em outro tempo, não era perfeita, talvez esteja aí a razão de ter sido tão bela.

Hélio Pellegrino, encantadora figura daqueles anos de chumbo, dizia que "conhecem-se da geração de 68 muitas inadmissíveis loucuras, inclusive execuções, mas nenhum ato de tortura". O velho psicanalista decifra o que aquela geração tinha de mais rico, a sua herança ética e moral. Este foi o maior presente deixado por eles para quem veio depois. A minissérie passou este sentido ético e moral com bastante competência.

Podemos fazer críticas, mas sem rancor stalinista. Sem achar, portanto, que tudo aquilo que não é engajado é conservador e não é revolucionário. Hoje sabemos o quanto essa definição é relativa.

Em último caso sejamos polêmicos bem ao gosto de Glauber, um dos personagens desta história: "Os autores da minissérie *Anos Rebeldes* são artistas. Não vamos exigir deles coerência".

MILTON DANTAS WANDERLEY
Patos, Paraíba

LIÇÃO ECONÔMICA

Pois bem, vou contar para você, procurando, com clareza, abrir-lhe os olhos.

Seu patrão não é apenas dono ou sócio da empresa em que você trabalha. Ele é também dono ou sócio das grandes lojas, shoppings, supermercados, faculdades, escolas particulares, imobiliárias, hospitais, bancos, clínicas especializadas, farmácias, boates, restaurantes etc.

Vamos ver o que acontece com o dinheiro "suado" que você recebe no final do mês. Há séculos o dinheiro segue um círculo vicioso. Primeiro você recebe e depois faz a compra do mês. Se você pensar um pouquinho, vai perceber que o seu dinheiro voltou para as mãos do seu patrão, porque ele é dono ou sócio dos supermercados.

Se você, sua mulher ou filhos compram "supérfluo" nas lojas, o dinheiro gasto estará, "inocentemente", sendo devolvido ao seu patrão, que também é dono ou sócio dos shoppings ou grandes lojas.

Certamente, você perceberá que está trabalhando de graça, porque o que você recebe é devolvido para seu patrão, na compra de bobagens que tanto "iludem o povo".

O seu patrão não lhe dá valor, porque sabe que você não sabe dessa jogada que ele faz. Pode ser que você pense que não há saída dessa situa-

ção, mas garanto que se pensarmos e agirmos juntos sairemos vencedores desse círculo vicioso em que os patrões nos envolveram, visando manter a escravidão com a "máscara da democracia".

Aqui dei apenas dois exemplos, mas acredito que daqui para frente você começará a enxergar, nitidamente, a sujeira que fazem com você, em todas as áreas da sua vida.

Assim como dei uma pequena mostra da sujeira, vou fazer agora uma pequena mostra da solução. Basta que você comece hoje mesmo.

Primeiro, pare de comprar supérfluo, compre apenas o estritamente necessário. Comece a pensar que o dinheiro não é o mais importante em sua vida, nem promete vida para o futuro. O que promete é algo mais simples, e que o nosso país ainda possui em abundância: a terra fértil, o ar puro, a água limpa e saudável.

Aquele pedacinho de terra no seu quintal ou até na sua jardineira está a espera de uma semente para que ela possa lhe dar, graciosamente, um alimento saudável. Plante uma semente ali, ou faça uma horta pequenina.

Se você já tem o seu terreninho comece a plantar para o seu sustento e para o futuro de seus filhos. Você vai comer tomate ou alface limpos, sem adubos químicos, além de economizar um pouquinho, e essa pequena economia guarde para conseguir no futuro comprar

um terreno maior para fazer um pequeno pomar, criar suas galinhas, seus porquinhos. Quando seu patrão perceber que você não está comprando bobagens, com certeza lhe dará um significativo aumento salarial, na esperança de você voltar a comprar nos supermercados e lojas.

Passe cópia desta mensagem aos seus amigos, mostre a eles o que de fato é importante para o futuro. Unam-se e vocês conseguirão um bom pedaço de terra para começarem comunitariamente a se libertar do patrão, com dignidade e independência.

Agora você entende porque trabalha, luta e nunca consegue nada.

"Para ser feliz basta ser amigo da natureza, que dá sem nunca cobrar."

EUNICE BARCELOS
São Paulo, SP

PÚBLICO X PRIVADO

Os noticiários nos bombardeiam incessantemente com histórias de corrupção em quase todos os órgãos governamentais. Os reclamos por uma legislação que ponha fim ao descalabro geral tornam-se monótonos como um mantra.

Deputados, senadores, governantes, cada qual mais sério e compenetrado que o outro, apresentam projetos de lei para pôr fim à ladroagem. Os resultados são praticamente nulos. A gatunagem continua.

Isto acontece porque não se toca na raiz do problema. O cidadão honesto todos os dias é vítima. O reconhecimento de firma para transferir um veículo é inteiramente inócuo no que se refere à eliminação do roubo de automóveis. O honesto comparece ao cartório, fica na fila ou paga despachante, perde tempo e dinheiro. No balcão de atendimento do DETRAN o funcionário não confere a firma do Tabelião.

O malandro sabe disso e para transferir o carro rouba simplesmente manda fazer

o carimbo do cartório. E o honesto cai na armadilha.

A burocracia governamental é riquíssima na construção de barreiras e exigências para pegar os cumpridores do deveres. Os bons fornecedores se afastam dos negócios do governo devido ao ritual. O cumprimento do formalismo anula o bom preço e as condições que teriam para oferecer.

Existem meios para se pegar os safardanas. Para que isto aconteça é preciso repensar o conceito de segurança no serviço público. A ampliação das penalidades não acaba com a safadeza.

Na administração privada não acontecem tantos desvios e não existem tantos regulamentos. Na maioria dos casos são aplicados os códigos civil, comercial e penal. São cobrados os resultados pela aplicação de recursos, o orçamento das empresas é feito para ser cumprido. A eficiência e eficácia no atingimento dos objetivos são instrumentos para selecionar e promover administradores.

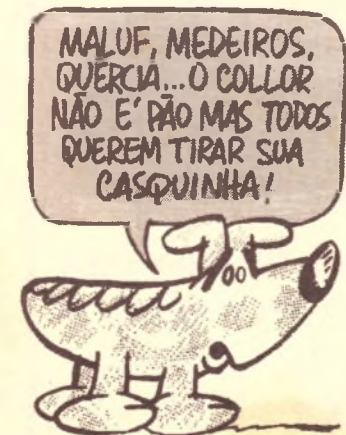
Na administração pública são controlados somente papéis. Os resultados obtidos jamais são postos em evidência e o critério para a seleção dos administradores é o apadrinhamento político. O sem número de fundações, convênios, transferências a fundo perdido e, como corolário disso tudo, o famoso "é dando que se recebe", faz com que vivam e sobrevivam os 7 anões e outras figuras de igual caráter na gestão do orçamento e na direção dos órgãos governamentais.

O administrador, afilhado de político ou do partido, não tem compromisso com os objetivos da organização. Deve trabalhar apenas pela reeleição do padrinho ou do prestígio do partido. Em 99% dos casos de corrupção, estão envolvidos uma fundação, um convênio, uma transferência ou um administrador indicado por um político.

A cortina de fumaça que é jogada para tapar os olhos dos contribuintes com a discussão de leis de exceção e aumento de punições é assimilada pelos meios de comunicação e estes se encarregam de espalhar a mistificação encenada pelos beneficiários do modelo.

Chega de mistificação e de armadilha para pegar honestos.

JOÃO ÁVILA
Brasília, DF



DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** RUI FALCÃO. **REDAÇÃO:** ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDETO, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTÔNIO SCHUSTER. **CÓPIESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** CACO BISOL, SILVANA PANZOLDO E JOTA. **COLABORADORES:** ALAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FIAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, HELIO SILVA, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELURUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOLI, OHI, PATO, PATRICIA CORNILLS, PAULO BARBOSA,

BRASIL AGORA

PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTILI, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENA DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO(SP). FONES: 222-6318. FAX: (011)222-2865. **GERENTE GERAL:** HUGO SCOTTE. **ADMINISTRAÇÃO:** M^o ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **CIRCULAÇÃO:** JOSÉ LUIS NADAI, MARIA ODETE G. DE CARVALHO. **ASSINATURAS:** ANA MARIA ALVES, PAULO M. SOLDANO, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO) - FONES: 223.2974 e 220.7718. **EXPEDIÇÃO:** PAULO E. SOLDANO. **SERVIÇOS GERAIS:** EUSILANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, JOÃO A. GUEVARA, LUCIENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DCI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 27 DE AGOSTO DE 1992.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: RUI FALCÃO



A toalha e a louça

Brasil está cheio de esperanças. Afinal, o povo começa a se mobilizar contra a corrupção patrocinada pelo presidente da República. E, na esteira das atividades da CPI do Congresso, exige o *impeachment* de Fernando Collor. Muita gente acredita que, depois disso, o Brasil já não será mais o mesmo. Setores da própria esquerda estão eufóricos com a perspectiva da vitória da ética sobre a corrupção e discutem se se deve ou não participar do governo Itamar ou dar-lhe, pelo menos, uma trégua.

SEMELHANÇAS. Bem vistas as coisas, o Brasil parece assistir, porém, a uma reprise da luta contra a ditadura militar e pelas diretas. Só que agora a favor do impedimento do presidente Collor. Como nas diretas, o PT começou solitário sua luta pelo esclarecimento dos sucessivos escândalos que enredavam o presidente da República. Como na luta pelas eleições diretas, somente aos poucos outros setores políticos de oposição foram se engajando. Diferentemente das diretas, agora a mobilização popular foi catapultada por um ato impensado do próprio Collor, que fez escárnio da indignação popular e, com isso, conseguiu lançar centenas de milhares de pessoas nas ruas, contra si.

Também diferentemente das diretas, agora estava em funcionamento uma CPI que foi recolhendo provas cada vez mais avassaladoras das responsabilidades do presidente nas falcaturas de PC Farias e sua *gang*. Mas, do mesmo modo que naquele período, foram as mobilizações massivas da população que fizeram com que muitos políticos conservadores se decidissem a apoiar os trabalhos da CPI e a abertura do processo do *impeachment* contra Collor. E que levaram esses políticos e as elites a manobrar com vistas a trocar a toalha sem mexer na louça.

Naquela ocasião, a Aliança Democrática e a eleição indireta de Tancredo permitiram dar fim ao regime militar sem mudar a composição das forças que dominavam o Estado brasileiro. Agora, pretendem trocar Collor por Itamar, mas mantendo a mesma política *mo-*

dernizadora. Forma-se um amplo arco de forças, que hoje já inclui gente como Paulo Maluf, Mário Amato, Antonio Ermírio, Orestes Quécia, cujo objetivo central é trocar Collor por Itamar por motivos bem diferenciados.

Para os segmentos conservadores desse arco, Collor deve sair porque perdeu a credibilidade e tornou-se um empecilho à implementação do programa neoliberal que tentam impor ao país. Mas esses segmentos não têm nada a ver com a instauração da ética na política e na administração pública, e seria imperdoável que um partido como o PT permitisse que instilassem ilusões nos trabalhadores e no povo a esse respeito.

DIFERENÇAS. Evidentemente, hoje a questão central da tática consiste em unificar todos os setores possíveis para tornar efetivo o impedimento de Collor. Entretanto, o PT perderia completamente seu referencial se acreditasse que todo esse arco de forças pretende mudar o país para acabar com a corrupção e o sistema que a gera. Como sempre fez, o PT precisa saber diferenciar-se, porque o país precisa liquidar a corrupção, mas precisa, também, liquidar com o sistema iníquo que penaliza os trabalhadores e o povo com inflação, recessão e, também, corrupção.

Um país dominado pelos Ermírio, pelos Amato, pelos Maluf, pelos ACM da vida, não pode ser um país diferente, mesmo que não permitam o ressurgimento de uma *gang* no estilo



WLADIMIR POMAR
Jornalista e escritor

A gente não quer só comida

Terá sido a Rede Globo? Terá sido o Fernandinho? Terá sido a UNE? Terá sido o PT? Muitas são as versões. O fato é que a mentira, a enganação, a corrupção e as macrutaias da política tradicional despertaram um sentimento de indignação, de inquietação e de rebeldia que fizeram a juventude brilhar nos últimos dias. A irreverência e a espontaneidade demonstraram que no imaginário dos jovens existe a esperança de um país diferente, o Brasil dos nossos sonhos.

No dia 11 de agosto, os estudantes deram uma aula de história que irritou o Mauricinho das Alagoas. Ele respondeu na televisão e, no dia 25, recebeu outra aula. Com a dignidade de quem não tem medo de ser feliz, invadimos a avenida Paulista e as ruas do país inteiro para dizer que o "mal educado" não será mais presidente.

Diziam que éramos da "geração shopping center", apolíticos e alienados. Quem foi às ruas, viu uma juventude querendo mais que shopping center. Estampado no rosto de cada estudante havia um desejo de dignidade. Esqueceram que a maioria de nós não tem direito a ter direitos. Que os meios de comunicação tentam criar o jovem da "moda", e inculcar em nossa consciência uma cultura individualista.

Somos obrigados a enfrentar a roda viva do trabalho para sobreviver e estudar. Somos obrigados a fazer das ruas as nossas casas, fomos expulsos do campo e empilhados nas favelas das grandes cidades. Para tudo isso não fomos consultados.

Muitas vezes, a esquerda nos chama para "panfletar" — uma visão instrumental. Para a direita, somos os consumidores da moda — uma visão mercadológica. Rebeldes sem causa.

O P I N I Ã O

Talvez ainda não haja clima, mas a medida mais democrática é a convocação de eleições gerais.

Collor. Esses grupos sempre dominaram o sistema gerador de corrupção e, agora, o que mais pretendem é a garantia de que vão aplicar a política imposta pela nova redivisão internacional do capitalismo. Sua política, com Collor ou sem Collor, continuará sendo anti-popular.

Por isso, para ser coerente com seu passado e com os interesses dos trabalhadores, o PT deveria dizer claramente, desde já, que não participa de um governo que mantenha a política econômica e social de Collor. E deveria propor um novo programa de reformas para o Brasil, que sirva de referencial para os milhares ou milhões de brasileiros que não acreditam que a troca de Collor por Itamar vá resolver seus problemas.

O PT deveria reafirmar que o Brasil precisa de uma nova política, democrática e popular, que o arranque da crise, que ataque a miséria, que dê ao povo a dignidade da cidadania e sem a qual o movimento pela ética na política e na administração pública não passará de um belo sonho.

É possível que ainda não haja clima nem mobilização suficiente para levantar a bandeira das eleições gerais. Entretanto, sem fazer aquelas reafirmações e sem dizer que a medida mais democrática seria a convocação das eleições gerais, o PT corre o risco de aparecer misturado às forças conservadoras, deixando de referenciar-se, pelo menos, como alternativa de poder para as eleições de 1994.

Misturar-se aos eternos inimigos dos trabalhadores em decisões essenciais poderá nos levar a cair na armadilha que evitamos na eleição indireta de Tancredo. Por isso, mais uma vez é bom dar adeus às ilusões.

EDITORIAL

O BRASIL VAI DE CAMÕES

Em entrevista exclusiva a **Brasil Agora**, o deputado federal José Dirceu dispara: renunciar o presidente é golpe branco, e indultá-lo é uma fraude (páginas 6 e 11). Assim, vamos todos por mares nunca dantes navegados: o processo de *impeachment*, inédito no Brasil e, segundo muitos, no mundo (Nixon, lembrem-se todos, renunciou antes e foi indultado por Gerard Ford, escolhido para sucedê-lo).

A CUT prepara, junto com outras entidades da sociedade civil, uma paralisação nacional no dia em que for votada a admissibilidade do *impeachment* (ver entrevista de Jair Meneguelli na página 14). Enquanto isso correm soltas as articulações em torno do cada vez mais provável governo Itamar (páginas 4 e 5).

A contagem regressiva para o *impeachment* confunde-se com outra: a do primeiro turno das eleições municipais, em que a esquerda espera um bom resultado (ver caderno nas páginas centrais).

Se virar moda, **Brasil Agora** sugere outro candidato ao "empessegamento": Menem, o peronista neoliberal que lembra Collor até nas confusões familiares (ver página 12).

Enquanto Yoma denuncia a satíriase de Menem, Rosane reconhece, candidamente, que são os inteligentes que querem fora Collor; mas outras mulheres vieram para ficar, como Sandra, a secretária que ajudou a desmascarar a Operação Uruguai (entrevista na última página).

E assim, numa edição recheada de crises, **Brasil Agora** começa o seu segundo ano de vida prometendo, a partir da próxima edição, várias novidades e mudanças editoriais. E torcendo para que, quando sair o número 24, Collor já tenha ido. Tarde.

O EDITOR

A FOTO DA CAPA É DE MATUITI MAYEZO / FOLHA IMAGEM

O P I N I Ã O

Os estudantes acordaram a UNE e a UBES. Seria bom os donos do poder perceberem isso.

Mas hoje queremos consumir democracia, respirar dignidade e pensar em felicidade. Queremos construir um projeto capaz de apagar da história a lei de Gérson, a fome, a miséria, a corrupção, o desemprego, a exploração sexual, a marginalidade e a desesperança. Collor, com seu projeto neoliberal, mergulhou nosso povo e, em particular, as crianças e a juventude, nesse pesadelo.

Não seremos saudosistas. Queremos viver o presente. Decidir e construir o nosso próprio futuro. Como estamos fazendo nestes dias. Um futuro com muita satisfação individual e coletiva, como demonstramos através da adesão solidária e espontânea. Consolidaremos a participação política e cultural da juventude. O Brasil tem jeito. Com coragem, capacidade e alegria vamos dar a volta por cima e livrar o país dos fantasmas, dos corruptos e do Mauricinho das Alagoas.

Isso é apenas o começo. Os estudantes, nas ruas de nosso país, acordaram a UNE e a UBES. Seria bom que os donos do poder percebessem isso. Porque o "pulso ainda pulsa". E "não temos tempo a perder".

VITOR SALAZAR

Membro da Executiva Nacional do PT e ex-secretário geral da UNE.

QUEM RIRÁ POR

Os conservadores armam uma transição morna e controlada, tipo Tancredo. Mas o governo Itamar

Para o presidente Collor, que um dia sonhou em ser super-homem, o mundo certamente caiu em 7 de setembro. Impedido de passar em revista as tropas e de desfilar em carro aberto, confinado num palanque em que lhe faltaram mesmo os aliados da véspera, ele ouviu três longas vaias dos que assistiam ao desfile militar em Brasília. Na terceira, quando tentou erguer a cabeça e mostrar-se impassível, alguns militares, e muitas das esposas de ministros presentes, não controlaram o riso. À noite veio a humilhação mais grave. Ao chegar ao Itamaraty para a recepção tradicionalmente oferecida ao corpo de embaixadores, a comitiva presidencial deparou com novo ato de protesto, e foi forçada a entrar pela porta dos fundos.

Para o governador Fleury, de São Paulo, que até a antevéspera opunha severas reticências ao impeachment, o 7 de setembro foi a glória. Ao desfilar, garboso, pela Avenida Tiradentes, teve o cuidado de fazê-lo a bordo de um Rolls Royce, o carro tradicionalmente empregado pelos presidentes da República. Mandou distribuir 5 mil bandeirinhas e camisetas anti-Collor. Cuidou de garantir, no palanque, a

companhia da prefeita Erundina. E com ares de radical, bradou: "O Congresso tem que se definir rapidamente sobre o impeachment. A nação não pode ficar em compasso de espera".

COLLOR PARALISADO. O espetáculo do afastamento do presidente, que a esta altura só um autêntico terremoto político evitaria, assumiu nas duas últimas semanas feições que fazem das duas cenas registradas na data da Independência um símbolo. Por mais que se debata, Collor parece inteiramente incapaz de gerar fatos políticos novos, de retomar a iniciativa e de frear o processo que leva pelo ralo o que lhe resta de poder. Diante de um arrefecimento das manifestações populares, a oposição conservadora manobra com liberdade, procura confundir-se com a esquerda, e busca fazer uma sucessão sem dor (para ela).

Derrotado por larga margem na votação final da CPI do PC, afrontado pelos ministros que se descomprometeram com a sustentação política do governo, o presidente ainda esboçou alguma reação no início do mês. Articulou um encontro com parlamentares fiéis em Brasília, no dia 1º. Autorizou em seguida o senador Odacyr Soares, que substituiu o demissionário Marco Maciel na liderança do governo no Senado, a sugerir que estava em preparação uma reforma ministerial para substituir Marcílio, Bornhausen e Célio Borja.

INGVERNABILIDADE. Se não agiu foi porque lhe faltaram completamente as forças para tanto. Embora elogiando o presidente, o deputado



Com autoridade arruinada, presidente sofre abandono dos aliados e fritura dos ministros.

Roberto Campos, apontado como possível substituto de Marcílio, negou terminantemente a possibilidade de assumir a Economia. Lamentou, mas disse que faltavam a Collor condições mínimas de governabilidade. Dias depois, ciente da extrema fraqueza de seu superior, o próprio Borja deu o troco contra as ameaças feitas a seu cargo, criticou o presidente por não ter se defendido e elogiou o vice Itamar. Desautorização maior viria 5 dias depois, quando 8 ministros reuniram-se no Itamaraty e debateram o cronograma de sua saída do poder.

A operação-desmonte transcorreu com vigor ainda maior no Congresso. No dia 3, o governador Antonio Carlos Magalhães, que após a defecção dos grandes empresários mantinha-se como única força expressiva a prometer apoio ao presidente, desobrigou sua bancada de votar pela preservação do mandato de Collor. Começou em seguida uma série de pressões para acelerar a

tramitação do impeachment.

A decisão final do presidente da Câmara, que veio em 8/9, é pouco condescendente com o inquilino do Planalto: além de dispensar a audiência das testemunhas, o prazo final para defesa do presidente foi encurtado para o dia 15 — "até as 19 horas". Instalada a Comissão de deputados que apreciará o pedido de impeachment, ao governo restaram a compra de votos, os recursos jurídicos em prol do voto secreto, as pendências regimentais e as obstruções protelatórias — cujos resultados se verificarão ao longo dos próximos 15 dias. E a renúncia.

MEDO DAS RUAS. O conjunto das forças conservadoras busca servir-se do debilitamento de Collor, para tramitar um processo de substituição do presidente tão pre-

visível e controlado quanto possível. "A crise deve retornar à alçada das instituições e nela se esgotar. O plebiscito das ruas a partir de agora só renderá dividendos para o PT", comentara com um repórter da Gazeta Mercantil, já em 30 de agosto, um assessor de Marcílio.

A ação dos opositores de direita se deu em duas frentes. Primeiro, procuraram impedir o exame mais profundo dos atos praticados pelo presidente Collor, que certamente conduziria à denúncia dos corruptores, leia-se: o empresariado.

Noutra frente, sem condições de esvaziar abertamente as manifestações de rua, a oposição conservadora agenciou o sentido de controlá-las. Este é o sentido do ato convocado pela Força Sindical para 11 de setembro, que fracassou diante da oposição dos parti-



TRANSIÇÃO GRAMPEADA

A quarta-feira, 9 de setembro, em Brasília foi um dia propício aos boatos. Quando o Serviço de Comunicação social do Exército anunciou que o ministro Carlos Tinoco havia cancelado sua viagem ao México, onde participaria das comemorações dos 182 anos daquele país no próximos dias, no Congresso Nacional já circulava a "notícia" de que 12 mil soldados estariam sendo deslocados para a Capital federal. "É uma ação contra nós", garantia um alarmado deputado da oposição.

ESPIONAGEM. Duas notícias comunicadas no final da tarde,

no entanto, não eram boatos: os telefones do Palácio do Jaburu, a residência oficial do vice-presidente Itamar Franco, estiveram grampeados nos últimos dias, a partir das instalações montadas na casa da vizinha, também propriedade da União. E mais: o vice-governador do Rio de Janeiro, Nilo Batista comunicou a Itamar que também estava grampeado o telefone da suíte em que ficou hospedado no Hotel Glória, na semana anterior. A guerra do impeachment, como se vê, desenvolve-se em todos os fronts.

Como bom mineiro, Itamar nega que esteja articulando o

ministério de seu provável futuro governo. Mas que ele está, está. E freneticamente. Sem qualquer base política, Itamar está conversando com Deus e todo mundo. No Rio de Janeiro, recebeu líderes políticos da direita, do centro e da esquerda. "Eu recebo só quem me procura", desconversa o vice, que aproveita essas ocasiões para mandar seus recados.

DESMENTIDOS. Entre os recados, este: "o vice não é contra o projeto de modernização de Collor, aí incluída a privatização de empresas estatais. Mas acha que o Congresso Nacional



ANDRÉ DUSEK

errou ao dar um "cheque em branco" para Collor fazer as privatizações em troca de "medas podres". O Congresso, diz ele, deveria reaver esse cheque em branco para que os interes-

ses nacionais não sejam prejudicados. Para aqueles que julgam que o vice defende idéias atrasadas, o próprio Itamar deu uma resposta direta, publicada na Folha de S. Paulo do dia 9: "Se defender os interesses nacionais, se quer o bem do país e buscar o desenvolvimento nacional para o nosso Brasil é ser retrógrado, eu vou continuar sendo retrógrado", disparou.

A palavra-de-ordem de

ÚLTIMO?

pode nascer contraditório e instável, estilo Sarney

dos de esquerda e da CUT, que não aceitaram a inclusão, proposta por Medeiros, de palavras-de-ordem apoiando a "política de modernização" do governo.

Sabendo que a ausência da esquerda deslegitimaria a iniciativa, a FIESP e o PMDB recuaram, esvaziando o ato convocado por Medeiros, e convocando, junto com os partidos de esquerda e as entidades da sociedade civil, um ato unificado no dia 18 de setembro, no Anhangabaú, para o qual o governador Fleury já anunciou que convidará até mesmo o presidente da Fiesp, Mário Amato —que defende o aprofundamento da política "modernizante" conduzida por Collor/Marcílio, e que chegou a defender o chefe do governo, alegando que "somos todos corruptos".

Criticando as tentativas de manipular o movimento pró-impeachment, o empresário Ricardo Semler, em sua coluna na **Folha de S. Paulo**, no último dia 6, lembra que "o PMDB é necessário para aprovar o impedimento" e que "os votos do PDS são vitais". Mas não deixa de registrar todo seu espanto diante da notícia de que "a FIESP vai sair em passeata ombro a ombro com estudantes e operários" e que no palanque do ato do dia 18, em São Paulo, "estarão falando a favor da ética quercistas e malufistas, e quem sabe os próprios". Diante disto, o seu conselho é cristalino: "Vamos acordar, minha gente. O povo não é bobo, e saberá vaiar nas horas certas..."

CONCILIAÇÃO. Os conservadores pretendem



manipular o movimento anti-Collor, para viabilizar a articulação de um pacto que "supere a crise" de acordo com suas receitas. Fracassada a tentativa de montar um ministério de "unidade nacional" —rechaçadas tanto por ACM quanto pela esquerda (páginas 6 e 11)—, surgiu a hipótese de garantir apoio para uma espécie de "governo fantasma".

Segundo esta fórmula, Itamar seria deixado de mãos livres para nomear, segundo seus critérios íntimos, os ministros. Nenhum partido reivindicaria cargos. Nenhum, em contrapartida, assumiria o situacionismo. "Ninguém será situação, ninguém será oposição", resumiu Quêrcia. O futuro presidente "tem de nomear 16 jatenes", de modo a "não se comprometer com os partidos", completou Delfim Netto. Cabe indagar: a quem serviria o governo desses "técnicos de mãos limpas"?

Embora seja temerário lançar prognósticos peremptórios, alguns dos fatos políticos mais importantes registrados nos últimos dias parecem não apontar perspectivas animadoras para a mágica conciliatória proposta pelo presidente do PMDB e pelo ex-ministro da ditadura.

ECONOMIA. Os primeiros sinais desagradáveis para a oposição de direita estão ligados ao desempenho da economia. Em 9 de setembro, a Fundação Getúlio Vargas revelou que seus cálculos preliminares indicavam uma acentuação das altas de preços, e que o índice inflacionário do mês poderia ficar até 4 pontos percentuais acima do registrado no período anterior.

Na mesma data, assessores informaram que Marcílio estava considerando seriamente a hipótese de não comparecer à reunião anual do FMI, marcada para ocorrer entre 21 e 24 deste mês. Ciente do agravamento da crise política, o ministro parecia pouco disposto a representar, num destacado fórum das finanças internacionais, um governo cuja autoridade está esgotada.

O próprio Itamar Franco emitiu vários sinais de que pode não estar disposto a ser tão submisso quanto Collor às exigências dos investidores estrangeiros. Primeiro, desautorizou as especulações sobre suas idéias econômicas, num momento em que se divulgava que teria se tornado amplamente favorável ao programa de privatizações e ao acordo com o FMI. E não avalizou as afirmações que garantiam seu compromisso em manter Marcílio no cargo.

TANCREDO OU SARNEY? A direita esperava que Itamar pudesse ser uma espécie de Tancredo, alguém capaz de encarnar o sentimento de mudanças que de novo contagia multidões, conduzindo-o, porém, por rumos que preservem a ordem. Inde-

Collor
JÁ VAI TARDE!

pendentemente da vontade pessoal do vice, parecem faltar-lhe condições políticas para assumir tal papel.

Pressionado pelos conservadores, amplamente majoritários no Congresso, mas ao mesmo tempo pela voz das ruas, Itamar parece assemelhar-se muito mais a Sarney. Os numerosos contatos que manteve entre os dias 2 e 4 no Hotel Glória, no Rio, revelam uma impressionante crença na possibilidade de agradar simultaneamente personagens situados em campos opostos da disputa política.

No breve intervalo de três dias, o vice recebeu diversos representantes da esquerda —como José Dirceu, João Amazonas e Jamil Haddad. Ao mesmo tempo, avistou-se com expoentes das forças conservadoras, como Roberto Marinho e o brigadeiro Sócrates Monteiro; e teria autorizado Aureliano Chaves a negociar em seu nome com os generais Geisel e Leônidas Pires.

Em parte porque Collor (até agora) não quer sair, em parte porque não se tem segurança acerca do que será, afinal, um futuro governo Itamar, as forças conservadoras manobram com cautela. Era isso, aliás, que elas fizeram até o "domingo negro", quanto as ruas imprimiram um novo ritmo aos acontecimentos. O seu medo é que isso volte a acontecer. E ao que tudo indica, oportunidades não faltarão.

ANTONIO MARTINS
E VALTER POMAR

OUVIDOR GERAL

BRIOCES E CALCINHAS.

Dizia a minha avó que quem pode, pode, quem não pode se sacode. Vai nessa linha o comentário, que já ouvi muitas vezes dos "inteligentes", como dona Rosane qualifica os que contra ela e seu marido protestam, de que estamos vivendo a nossa Revolução Francesa. As calcinhas de nove mil dólares da primeira dama e seus comentários de que, afinal, mulher não é culpada pelos erros do marido, fariam as vezes dos brioches de Maria Antonieta; a teimosia de Collor, a vez da política obtusa de Luís XVI, que a cada movimento para se salvar também se enterava mais. Ressalvadas as proporções, o paralelo não é descabido, embora o refúgio de Collor e de sua renca de facínoras, como Fiúza, Odacir Soares e Lafaiete Coutinho, esteja mais para um ar de Goering e Goebbels, se não Capone, do que para corte francesa. Se Collor for escorraçado da presidência, como merece, cairá o pano sobre o longo ciclo de arbitrariedade começado com o golpe de 1964 e seus antecedentes (o ensaio de 1961 e o eterno golpismo lacêrdista que tanto seduziu a classe média), de que ele é o legítimo herdeiro.

PESOS E MEDIDAS.

O Estadão qualificou de arbitrário o rito simples definido pela presidência da Câmara no Congresso para dar andamento ao pedido de *impeachment*. Tanto prurido dá até para comentar. Afinal, ele é inversamente proporcional à sofreguidão com que ele e outros órgãos de imprensa se atiraram à conspiração golpista de 1964, execrando o presidente da República e os que então defendiam a legalidade constitucional. É que os ventos do então sim verdadeiro "sindicato do golpe" empurravam as coisas em outra direção.

FLÁVIO AGUIAR

Itamar —repetida aos políticos que o procuram— é que o seu governo será feito com o Congresso. Há quem diga que ele praticará uma espécie de "parlamentarismo branco". O PMDB de Ulysses Guimarães e o PSDB de Fernando Henrique vibram com a idéia, já se preparando para o plebiscito de abril do ano que vem, quando esperam que a escolha pelo parlamentarismo será definitiva.

"Eu não vou fazer um governo revolucionário", disse Itamar a um deputado. "Vou governar com o Congresso e a correlação de forças lá você conhece mais do que eu".

MILITARES. Especula-se muito sobre a base militar de Itamar.

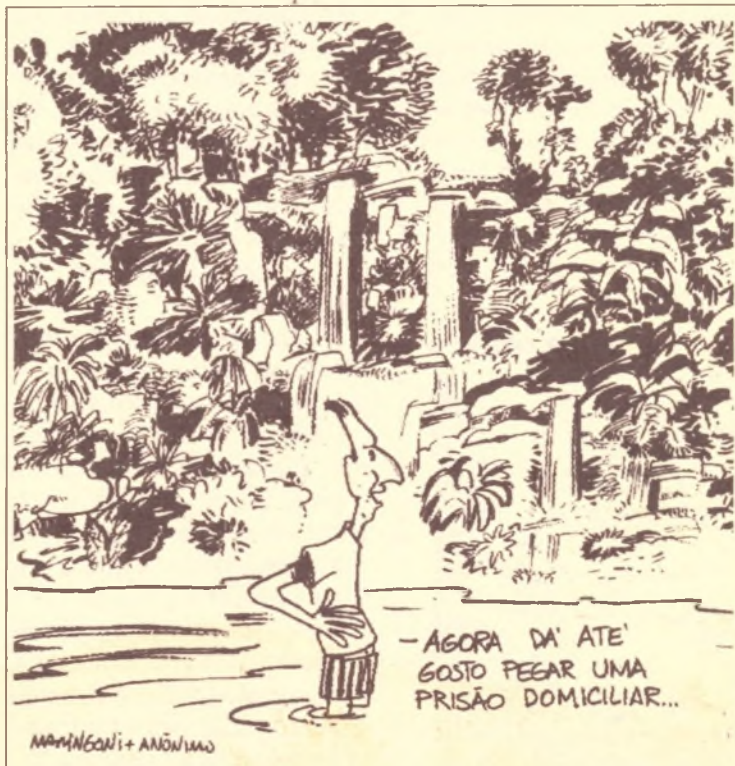
Especula-se ainda que ele gostaria de trocar o ministro do Exército, Carlos Tinoco. Sabe-se que ele tem o apoio explícito do ministro da Marinha, Mário César Flores. E todo mundo lembra a admoestação do ministro da Aeronáutica, Sócrates Monteiro, no sentido de que Collor não deve sofrer um "linchamento".

Mas quantas divisões tem, de fato, Itamar? O que se sabe com certeza, é que os contatos do vice com os militares têm sido feitos através de Aureliano Chaves e de outras personalidades ligadas ao ex-general presidente Ernesto Geisel. Por isso mesmo, alguns colunistas econômicos têm dito que Itamar considera a Petrobrás e o setor

petroquímico como "vacas sagradas".

Para não ser pego desprevenido, o embaixador dos EUA, Richard Melton, visitou o senador Frernando Henrique Cardoso na terça, dia 8. Cardoso, que não desgruda de Itamar, é cogitado para ocupar a pasta das Relações Exteriores. Seria um dos membros do "dream team" de Itamar, onde brilhariam, entre outros, Jarbas Passarinho (de novo!), Aureliano Chaves, Pedro Simon, Darcy Ribeiro, Jamil Haddad e, segundo as más línguas, até mesmo deputados de partidos mais a esquerda.

ANTONIO CARLOS QUEIROZ,
de Brasília



MAMINGONI

DITO PELO DITO

"O verde e amarelo é nosso e não *delle*." Segue-se uma página inteira de jornal com nomes - muitos deles, talvez a maioria, de gente que jamais pensou em assistir a um desfile de 7 de Setembro. Muito menos vestido de verde e amarelo. Realmente Collor conseguiu o que parecia impossível: acabou com a apatia do povo (que saiu às ruas para protestar contra ele, animadamente), recuperou a importância do desfile do 7 de setembro e a defesa das cores nacionais.

Até colocou - ainda que por vias tortas - realmente o Brasil no primeiro mundo, pelo menos numa coisa: "Diante de uma baita crise destas, nem sinal de golpe", fala eufórico um jornalista outrora desgostoso e agora animado.

RENOVAÇÃO. Mas resta a expectativa: sua postura de Napoleão de hospício - como já o chamou alguém - vai dar certo, comprando os deputados que precisa para permanecer no governo e toda essa reafirmação de brasilidade vai tornar-se uma grande broxada, como foi o movimento das "Diretas Já", ou ele vai ser um ex-presidente devidamente engaiolado, com a glória de ter levantado o Brasil (ainda que contra ele)?

Bem, resta ainda outra alternativa. Segundo a Maria Antonieta de Canapi, vulga Rosane, os imbecis ainda estão com Collor: "Só saiu às ruas gente inteligente", disse ela à *Folha*. Será que essa gente "inteligente" vai se conformar com uma broxada do Congresso? Vai deixar que deputados se vendam sem mais nem menos? Há quem acredite que Collor vai conseguir o que prometeu - fazer uma revolução liberal -, só que também por vias tortas: sua teimosia pode gerar uma verdadeira "Revolução" à francesa, com direito a guilhotina (ou coisa afim) e tudo. A maioria silenciosa, que a Maria Antonieta de Canapi diz estar ainda com Collor, não cheira nem fede. Mesmo que os grotões estejam com ele, não sairão às ruas para defendê-lo. Resta saber se, com uma broxada do Congresso, os que saem à rua broxarão também! Sei não. Sem ser espírita, sinto espíritos de Dantons e Robespierres no ar.

MOUZAR BENEDITO



J O S É D I R C E U
collor
JÁ VAI TARDE!

Collor sai ou não sai?

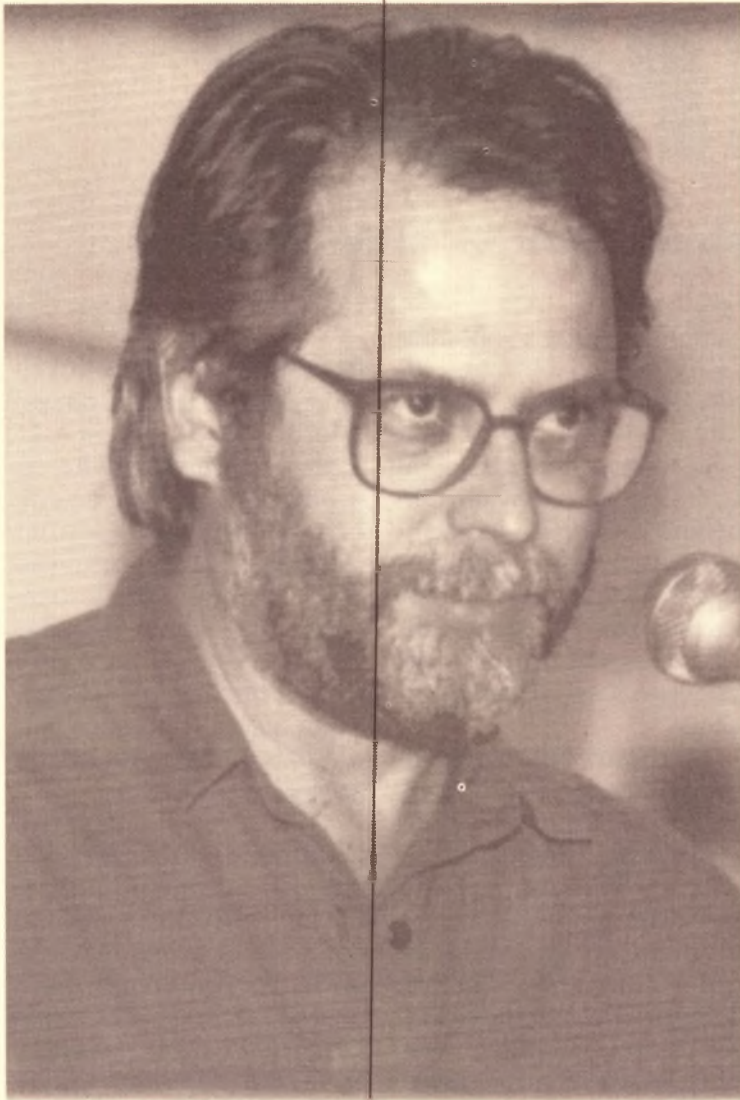
A tendência é o Collor sair, a Câmara autorizar o processo de *impeachment*, independente de ser antes ou depois de 3 de outubro. Em primeiro lugar porque eu acredito que ele vai ser denunciado pelo procurador geral da República, por crime comum. Em segundo lugar, porque acho que ele perdeu as condições éticas e políticas de governar. Em terceiro lugar, porque o governo dele se reduziu ao *bunker*, à canalha, ao grupo fisiológico, ao grupo colridor. Há ministros que estão no governo e não são ministros do presidente Collor. Depois, porque aumenta o protesto da juventude e crescem as manifestações populares no país. Também está aumentando a tomada de posição do empresariado. O que é mais grave, porque muito problemático do ponto de vista democrático e constitucional, é a questão das Forças Armadas. É evidente que Collor não tem apoio das Forças Armadas. A tendência em nível internacional também vai contra ele.

Então você não se preocupa demasiado com a chamada batalha regimental?

É evidente que existe uma questão interna de regimento, os artifícios e os casuísmos referentes à questão do voto secreto, as tentativas de ir à Justiça, de tentar obstruir o processo, e a compra de votos, com cargos, obras e mesmo dinheiro vivo, como estão denunciando. Mas acho errada esta tendência pessimista de alguns parlamentares da oposição, que acabam vendo só o Congresso Nacional, só o processo de *impeachment*. Deixam de ter consciência sobre o que está acontecendo na sociedade, no empresariado e dentro do próprio governo. A máquina administrativa está parando também. É preciso combinar a análise do conjunto com a análise interna dos procedimentos regimentais e da correlação de forças na Câmara dos Deputados. É por isso que eu sou otimista. Acho que a tendência forte, majoritária, é o Collor sofrer o processo de *impeachment*.

Você descarta a possibilidade de Collor renunciar - por pressão, por acordo?

Ele pode ser "renunciado", mas isso não é bom para o país. E sou radicalmente contra o indulto, acho que é uma fraude, uma tentativa de acobertar o grau de corrupção que incluiu as elites empresariais e políticas do país, o grau da crise que existe no aparelho administrativo e fiscalizador do Estado.



HUGO SCOTTE

Otimismo vigilante

O deputado federal José Dirceu (PT-SP) está se sentindo feliz. Pudera. Membro da CPI que investigou PC Farias/Collor, ele se destacou como um de seus parlamentares mais atuantes. Agora, indicado pelo PT - junto com José Genoíno e Hélio Bicudo - para integrar a Comissão que vai apreciar o pedido de *impeachment*, José Dirceu foi entrevistado por Brasil Agora e falou sobre a crise política e o governo Itamar.

É evidente que havia convicção, por parte dos órgãos fiscalizadores, com a corrupção, com a sonegação fiscal, o crime organizado, a lavagem de dinheiro, a fuga de capital. Quando se fala em indulto, é inclusive para manter a corrupção eleitoral que permite a manutenção da hegemonia de partidos conservadores e de direita, visando inclusive impedir as reformas políticas que nós queremos fazer a partir do *impeachment* do Collor. Quem está a favor da renúncia, que apóie o *impeachment*, que ele sai mais rápido.

Que reformas são essas de que você fala?

Ano que vem haverá o plebiscito sobre sistema de governo e a revisão constitucional. Mas a realidade é que não podemos aceitar que o presidente que assumiu - no caso, o Itamar Franco - congele a luta contra a corrupção. Tem que haver um compromisso das forças pró-*impeachment*, por uma reforma eleitoral, porque nós não podemos continuar com esse sistema que acoberta os partidos de papel, os partidos-fantasma, ligados à corrupção nas eleições. Também tem que mudar o financiamento das campanhas eleitorais e a legislação de combate à sonegação. E

nós precisamos fazer a reforma da legislação penal e do poder judiciário, porque não é possível existirem tantas facilidades para o crime organizado e para a corrupção. E precisamos fazer a reforma administrativa. O mais importante, eu acredito, é a questão do sistema de governo, que só pode ser abordada se for feita a reforma eleitoral e partidária. Sou parlamentarista. Mas qualquer mudança no sistema de governo, para o PT, tem que passar por mudanças no processo de eleição da Câmara, no papel do Senado, por maior acesso aos meios de comunicação.

Tenho dito isto inclusive aos parlamentaristas conservadores: ou eles fazem um acordo político com a parcela que nós representamos na sociedade, um acordo a respeito daquelas reformas, ou nós vamos ficar com o presidencialismo democratizado. Porque há a possibilidade de fazer um acordo com os presidencialistas mais progressistas.

Em que medida o combate ao Collor e à corrupção pode ser estendido à política econômica do governo?

Esta é uma questão que está adormecida nos movimentos de protesto contra o Collor. Os protestos são fundamentalmente pela ética na política, contra a corrupção portanto, e contra o Collor. Não há uma predominância, uma exteriorização consciente, da oposição à política econômica do Collor, às privatizações. É evidente que quando os funcionários públicos, os aposentados, os estudantes se levantam contra o Collor com mais força, é porque esses setores foram duramente atingidos pela política econômica do governo. É evidente também que a questão da corrupção e da falta de ética se liga com a questão da crise econômica e social brasileira. Mas não é o predominante, e talvez não seja nem consciente para muitos setores. Agora, a saída do Collor, principalmente sendo Itamar o vice, vai estabelecer um novo elemento na correlação de forças entre os que se opõem e os que apóiam a política econômica do Collor: o presidente da República não será mais o principal agente do neoliberalismo. O Itamar pode não ser um homem do programa econômico da oposição, mas não será um homem do programa econômico do neoliberalismo.

A saída de Collor é a derrota do neoliberalismo?

É o início da derrota. Por isso que havia tanta apreensão no empresariado quan-

CONTINUA NA PÁG. 11



ENTRANDO PELO RALO



A CPI do PC trouxe à tona o mar de lama em que o governo navegou durante dois anos e meio. O Brasil tomou conhecimento das falcatruas, desmandos e o amadorismo com que Collor e sua turma aproveitaram do poder entregue às suas mãos neste curto período de nossa história. O malcheiro que toma conta da vida política brasileira exige uma resposta da sociedade e ela está acontecendo. A população está nas ruas cobrando o impeachment. Neste momento, é também perceptível o reflexo da crise no comportamento do eleitorado. Pesquisa do DataFolha, realizada em 12 capitais, revela que 63% dos eleitores não votarão em candidatos apoiados por Collor. Talvez isto explique porque algumas candidaturas despencaram e outras subiram vertiginosamente, na proporção em que são identificadas - ou não - com o corrupto-mor no poder. Entre aqueles que se mantêm em alta, sem dúvida, estão alguns

**CANDIDATURAS
COLLORIDAS
AFUNDAM
JUNTO COM O
PRESIDENTE;
A ESQUERDA
CRESCER**

que pularam do barco antes que ele afundasse. Por não ter nada a ver com esse mar de lama, as candidaturas populares crescem em todo o país. Nestas eleições, o PT disputa em 1.129 municípios; são 632 candidatos a prefeito, 651 candidatos a vice e coligações em 453 municípios, além dos casos em que o partido - coligado ou não - apresentou somente candidatos a vereador (dados provisórios fornecidos pelo GTE/Nacional).

Neste caderno especial sobre as eleições municipais, o segundo publicado por *Brasil Agora*, estamos apresentando a situação da campanha nos 24 municípios administrados pelo Partido dos Trabalhadores e um quadro eleitoral atualizado das 26 capitais. Na próxima edição, daremos continuidade ao acompanhamento, mostrando a situação eleitoral nos pólos econô-

ALDO CORVALAN

**DAS 36 CIDADES EM QUE
VENCEU AS ELEIÇÕES DE
1988, O PT CONTINUA
GOVERNANDO A MAIORIA: 24.
EM 17 DELAS A PREVISÃO
É DE REELEIÇÃO DOS PETISTAS...**



**... EM OUTRAS 6, HÁ UMA
DISPUTA ACIRRADA PELO
ELEITORADO. APENAS
EM CEDRAL, O PT NÃO
DISPUTARÁ A REELEIÇÃO NEM
APOIARÁ NENHUM CANDIDATO.**

PT NO GOVERNO

QUANDO A VIDRAÇA É VERMELHA

VITÓRIA

A administração petista, eleita pela Frente Vitória, em 1988, tem a aprovação da maioria da população. A coligação formada para estas eleições, também chamada Frente Vitória, reunindo o PT, PDT, PCdoB e PSB, trabalha para capitalizar esta avaliação positiva para a candidatura de João Carlos Coser (PT), candidato a prefeito, e João Luis Tovar (PDT), seu vice. As eleições em Vitória serão decididas no primeiro turno, pois o município tem 160 mil eleitores. O candidato da coligação Frente Vitória ocupa a terceira colocação, logo após o candidato do PSDB, que tem o apoio do PMDB, PV, PPS, PPR, PMN e PL, e do candidato do PFL, primeiro colocado.

SANTO ANDRÉ

O atual vice-prefeito, José Cicote (PT), candidato pela coligação que reúne PT, PCdoB, PSB e PC, cresce na preferência do eleitorado da maior cidade do ABC (700 mil habitantes). A corrida é liderada por Newton Brandão (PSDB), ex-prefeito, cujas contas de 1986 ainda não foram aprovadas; por essa razão, Brandão pode ter sua candidatura impugnada pelo TSE. Caso isto ocorra, Cicote, segundo nas pesquisas, subiria para o primeiro lugar.

SÃO BERNARDO DO CAMP

PT, PCdoB e PSB estão reunidos em torno da candidatura do atual vice-prefeito, Djalma Bom (PT); a exemplo de Santo André, cresce a preferência do eleitorado pelo candidato nestas últimas semanas. Demarchi (PTB), que já chegou a 52%, despenca com crescimento da campanha petista.

DIADEMA

A administração petista transformou Diadema numa cidade. O instituto Galupp levantou que a maioria da população aprova as realizações do governo. Nas preferências do eleitorado, José Filippi Jr. (PT) aparece em segundo lugar, entre 24 e 35%, dependendo de quem pesquisa. O primeiro colocado é Gilson Menezes (PSB), ex-prefeito e ex-petista, com cerca de 50% das intenções de voto.

PIRACICABA

Antônio Storel (PT), candidato pela coligação que reúne ainda o PDT e PCdoB, enfrenta uma onda de ataques vindos dos candidatos do PSDB e PMDB. Storel está em segundo lugar e Mendes Thame (PSDB) em primeiro. Os petistas acreditam que o quadro será revertido e a maioria dos 160 mil eleitores optará pela candidatura Storel.

SANTOS

A coligação que reúne PT, PPS, PCdoB, PSB, PMN e PC tem como

candidato a prefeito o petista David Capistrano e como vice, Carlos Lamberti. As recentes pesquisas revelam que 45% do eleitorado santista votará em Capistrano, seguido de longe por Osvaldo Justo, do PMDB. Muito provavelmente as eleições serão decididas no primeiro turno.

IPATINGA

A cidade da Usiminas, com 107 mil eleitores, pelo que indicam as intenções de voto, escolherá o petista João Magno de Moura, da coligação que reúne PSB, PCdoB e PT, para continuar a administração de Chico Ferramenta. João Lemego, da coligação PFL, PRN e PMDB, vem em segundo lugar, mas bem distante do candidato da Frente Ipatinga Popular.

JOÃO MONLEVADE

A disputa eleitoral no Vale do Aço está equilibrada, pendendo para o candidato Laércio Ribeiro (PT), que concorre em coligação com o PCdoB. A outra candidatura é do PMDB.

TIMÓTEO

Na terra da Acesita, a disputa também está equilibrada entre Berácio Bicalho (PT), coligado ao PCdoB, e Lelé (PMDB), apoiado pelo PFL, PTB, PL, Newton Cardoso e Quercia. Apesar disso, existe uma tendência favorável ao candidato petista, uma vez que em pes-



quisa recente, 60% da população aprova e quer que a administração popular do PT continue.

ILICINEA

Ilicinea, a 300 km de Belo Horizonte, deverá continuar sob administração petista. Silvio Ribeiro de Lima, vereador e ex-secretário da educação, é o candidato da coligação que reúne PT, PDT e PMN. O candidato adversário, sem chances, é Joaquim Pires, do PMDB. Ilicinea tem 6.600 eleitores para uma população de 8.876 habitantes.

ANGRA DOS REIS

O atual vice-prefeito, o metalúrgico Luís Sérgio Nóbrega, é o candidato a prefeito pelo PT, coligado com o PSB.

cidade cearense de Icapuí tem 8 mil eleitores entre seus 13.668 habitantes.

CONCHAS

José Agostinho Tomazzelo, do PT, é o candidato para continuar a administração popular em Conchas. Concorre com candidatos do PSDB, PMDB e PDS numa campanha equilibrada, sem favoritos. Em Conchas, o prefeito Paulo Nunes lançou o Plano de Governo da Comunidade, aprovado pela população e com o compromisso público, assinado, dos outros partidos concorrentes, de que o Plano será aplicado em 1993.

CEDRAL

Em Cedral, cidade com 6 mil habitantes, o PT não concorrerá, pois segundo integrantes da administração petista, não está suficientemente organizado. O candidato favorito é Irineu Beloqui, do PMDB. Cedral fica a 12 km de São José do Rio Preto.

COSMÓPOLIS

Mauro Pereira é o candidato do PT para continuar a administração popular de Cosmópolis, município cuja atividade econômica principal é a agro-indústria da cana. Os adversários do PMDB e do PSDB estão com um problema sério para resolver: baixar o índice de 60% da candidatura petista, nas pesquisas.

JABOTICABAL

José Jorge Gebara (PT) é o can-

didato da coligação que reúne ainda PSB e PSDB. A previsão é de que Gebara vença as eleições com uma larga margem à frente do segundo colocado e possivelmente faça a maioria na Câmara Municipal.

SÃO JOÃO DO TRIUNFO

Na única cidade paranaense administrada pelo partido, o PT tem como candidato Renato Dalcomuni, que vencerá as próximas eleições com mais de 60% dos votos, segundo as previsões, fazendo a maioria na Câmara Municipal. Todos os partidos da cidade se uniram contra a administração petista para disputar os votos dos 7 mil eleitores.

AMAMBAÍ

O município sul-matogrossense deverá ter a segunda administração petista consecutiva. O candidato é Valdir Périus, atual vice-prefeito. São 15 mil eleitores disputados ainda pelo PDS, PSDB e PDT.

RONDA ALTA

Abreulino Luiz Mattei, atual vice-prefeito, deverá eleger-se com a maioria dos votos dos 7 mil eleitores da cidade. Disputam ainda nesta cidade gaúcha o PDS e o PDT.

SEVERIANO DE ALMEIDA

O PT deverá continuar administrando esta cidade do norte do Rio Grande do Sul, a 400 km de Porto Alegre. Inácio Benincá

deverá se eleger, disputando contra candidatos do PDT e do PMDB. A previsão é de que se faça pelo menos 3 vereadores, das 9 cadeiras da Câmara. Severiano de Almeida tem 4 mil habitantes.

JANDUÍ

Sebastião Gurgel, o Bastinho, do PT, é candidato da coligação que inclui também o PCdoB. Janduís fica no Rio Grande do Norte e tem 9 mil habitantes. A coligação PT-PCdoB deve vencer as eleições.

JAGUAQUARA

Município do estado da Bahia, a 300 km de Salvador, tem uma campanha eleitoral violenta. A direita, aliada de ACM, incomformada com a administração petista e com sua possível reeleição, provoca batalhas corporais nas ruas e se utiliza de órgãos estaduais (delegacia, polícia) para bater e prender militantes da coligação PT-PSB. A coligação concorre com Paulo Sérgio Nunes (PT), para prefeito, e Eurípedes Correa (PSB) para vice. PMDB, PFL, PRN, PL, PSDB e outros menores se uniram contra a candidatura popular e favorita do eleitorado. Jaguaquara tem 40 mil habitantes e 21 mil eleitores.

PORTO ALEGRE

BRIGA PELO SEGUNDO LUGAR

Está emocionante a disputa pelo segundo lugar nas eleições de Porto Alegre. Três estão emboçados, a 29 pontos de distância do líder Tarso Genro (Frente Popular), mas o candidato César Schirmer, do PMDB, que está 31 pontos atrás, não continha seu entusiasmo: "Vamos para o segundo turno e vamos ganhar", dizia após a divulgação de pesquisas que lhe davam 6% dos votos contra 9% do petista Carlos Araújo e 37% de Tarso Genro, candidato da Frente Popular (PT-PSB-PPS-PV-PC). Pesquisa do DataFolha dá 44% a Tarso.

São números que indicam queda dos dois líderes e ascensão de Schirmer e afastam, por 2%, a possibilidade da eleição de Tarso já no primeiro turno, o grande temor de todos adversários. Temor que balizou a campanha eleitoral na televisão. O PDT apelou para o seu pior nível na crítica à atual administração de Porto Alegre, num ataque tão baixo que já rendeu à Frente Popular 10 minutos de direito de resposta.

A queda de Tarso parecia ser o objetivo principal, pois todos já anunciaram diminuir o ataque ao petista e começar a disputa entre si para merecer o troféu de segundo colocado e no segundo turno ganhar os votos de quem ficou fora. O PMDB já critica a "baixaria" petista (que também ganhou dois minutos de direito de resposta no programa da Frente Popular), sem esquecer os



TARSO GENRO

petistas; mas o PDT encerra a terceira semana repetindo os ataques a Olivio (o atual prefeito) e Tarso.

A Frente Popular reagiu à situação e manteve seu programa, sem agressões, partindo para a ofensiva, mas não assume o que se fala nas ruas: vencer no primeiro turno.

Para o interior do estado, também há perspectivas positivas. Em Gravataí, cidade industrial da grande Porto Alegre, 98 mil eleitores, não há pesquisas, mas a aceitação popular e a garra da militância colocam esta cidade como uma das 20 em que o PT gaúcho computa entre as com chances concretas de vitória. Outra é Caxias do Sul, com 198 mil eleitores e segundo pólo industrial gaúcho. O candidato Pepe Vargas está em segundo, numa pesquisa contestada localmente, em que até a imprensa da cidade acredita que os índices de Pepe foram abaixo.

Os outros são pequenos municípios, notadamente minifundiários com forte presença do movimento dos trabalhadores rurais. Há cidades que o PT perdeu em 1988 porque os adversários compraram votos e fizeram terrorismo psicológico nas vésperas da eleição. Coisas que o partido está preparado para não deixar se repetirem.

MARCO ANTONIO SCHUSTER, DE POA

SÃO PAULO

VAMOS DERROTAR MALUF

Os nove candidatos à prefeitura da capital paulista, apenas quatro são práticos. Os outros cinco fazem o papel de figurantes. A campanha pelo rádio, televisão e pelas ruas esquenta, contribuindo para a definição dos eleitores. Na última pesquisa DataFolha, apenas 9% permaneciam indecisos e 14% votariam em branco ou nulo.

Suplicy iniciou a campanha com quase 30% da preferência do eleitorado, caindo posteriormente até chegar aos 21%. Agora, nas últimas semanas da propaganda eleitoral, volta a crescer enquanto Maluf despenca. A razão do crescimento da candidatura petista (apoiada pelo PSB, PCdoB e PC) deve-se ao esclarecimento do eleitorado em torno principalmente das prioridades do governo de Luíza Erundina, bem como suas realizações, voltadas para as necessidades básicas da população. A administração democrática e popular do PT tem sido boicotada pelos meios de comunicação em São Paulo.

Maluf, do PDS, tenta evitar sua queda na preferência do eleitorado, fazendo uma campanha diferente das anteriores, com comícios relâmpagos na periferia, disputando o voto corpo-a-corpo nos bairros. Porém, não convence seus próprios eleitores ao travestir-se de oposição a Collor. Na verdade, com seu cinismo característico, o pedesista, ao atacar seu antigo aliado no mal encenado estilo opo-



EDUARDO SUPLICY

sicionista, está apenas chutando um cachorro já morto. Para quem já chegou perto de se eleger no primeiro turno, está cada vez mais difícil desfazer-se de seus vínculos com o mar de lama que impera no Brasil. É o candidato que tem o maior índice de rejeição, com 36%.

O candidato de Quercia, o vice-governador Aloysio Nunes Ferreira Filho, do PMDB, terceiro colocado nas pesquisas com 10%, concorre com uma coligação que reúne dez partidos (PMDB, PDT, PPS, PSD, PPC, PTdoB, PMJP, PMN e PRP). Sua campanha é milionária. É acusado de se utilizar da máquina do governo do estado e seus "militantes" ocupam as principais esquinas da cidade em todos os dias da semana, agitando bandeiras e distribuindo brindes.

O candidato da coligação PSDB-PV, Fábio Feldmann, ecologista, patina nas pesquisas entre 2 e 4% e não influi nos rumos da campanha. É o que tem o menor índice de rejeição, com 14%.

Valmor Bolan, do PRN, não consegue capitalizar para si o atributo de candidato de Collor, cujo papel principal é de Maluf. Outros figurantes constam da relação de postulantes a prefeito: José Eymael (PDG), José Vieira (PMR), Luis Bellini (PCDN), Aldo Colasurdo (PTC).

**COLIGAÇÕES
PROGRESSISTAS
CRESCEM
E PODEM
GANHAR EM
VÁRIAS
CAPITAIS**



CAPITAIS

UMA GRANDE ARRANCADA

Além de São Paulo e Porto Alegre, candidaturas populares disputam com grandes chances eleições em outras nove capitais, podendo ou vencer em 3 de outubro - caso daquelas com menos de 200 mil eleitores - ou pas-



BENEDITA DA SILVA

HUO SCOTTE

sar para o segundo turno.

RIO DE JANEIRO

O eleitorado da cidade

do Rio de Janeiro aprova a campanha do PT contra a corrupção e a impunidade. Benedita da Silva, a Benê, transformou-se na voz do Rio contra Collor. Em pouco mais de duas semanas, a preferência do eleitorado pulou de 9 para 17% em favor de Benê, segundo o DataFolha, ultrapassando Albano Reis do PRN, que caiu de 13 para 7% chegando perto de Cidinha Campos, que caiu para 22%.

A explicação para tal arrancada está no fato da candidata petista ter mantido a coerência em relação a Collor, estando à frente de todas as mobilizações, o que

teceu com a candidata do PDT. Cidinha não foi em nenhum ato contra Collor, no Rio, muito em função do posicionamento

de Florianópolis, Sérgio Grando, do PPS, já era favorito mesmo antes da sua candidatura ser formalizada. A mesma situação

se repete em Goiânia, onde Darci Accorsi, do PT, é favorito e tudo indica que será eleito. Em Rio Branco, também, o candidato petista, Jorge Viana, é favorito desde o ano passado, quando sua candidatura foi pela primeira vez lembrada. Em Porto Velho, o candidato do PSDB deve vencer com mais de 40%, apoiado pelo PT e PMDB. Em Maceió, Ronaldo Lessa, do PSB, está em segundo e bem encostado no primeiro colocado, Teotônio Vilela Filho, do PSDB.

PRIMEIRO TURNO

Em Belo Horizonte, Patrus Ananias sobe nas pesquisas e, depois de ultrapassar Aécio Neves, do PSDB, está tecnicamente empatado com Ferrara, do PMDB. Em Salvador, Lídice da Mata, do PSDB, está na frente depois de passar o candidato de ACM, atingindo 20% segundo o DataFolha.

Em Florianópolis, Sérgio Grando, do PPS, já era favorito mesmo antes da sua candidatura ser formalizada. A mesma situação

se repete em Goiânia, onde Darci Accorsi, do PT, é favorito e tudo indica que será eleito. Em Rio Branco, também, o candidato petista, Jorge Viana, é favorito desde o ano passado, quando sua candidatura foi pela primeira vez lembrada. Em Porto Velho, o candidato do PSDB deve vencer com mais de 40%, apoiado pelo PT e PMDB. Em Maceió, Ronaldo Lessa, do PSB, está em segundo e bem encostado no primeiro colocado, Teotônio Vilela Filho, do PSDB.

TERCEIRA BATERIA

Em Belém, José Carlos Lima, do PT está em quinto lugar. Socorro Gomes (PCdoB), que substituiu Almir Gabriel, está com 23% na preferência do eleitorado, atrás de Hélio Gueiros com 44%. Em São Luís, Haroldo Sabóia, do PT, está com 4%, mas subindo. Em segundo está Conceição Andrade, do PSB, bem distante do primeiro colocado, João Alberto do PFL.

Em João Pessoa e A-

racaju, por razões diferentes, os candidatos que lideram com folga podem ser impugnados. Lúcia Braga, do PDT, é esposa de um ex-prefeito, e as oposições pleiteiam sua impugnação. Jackson Barreto, também do PDT, candidato em Aracaju, é acusado de corrupção.

Nestes dois casos os candidatos do PT seriam beneficiados, pulando para o primeiro lugar. Em Campo Grande, Juvêncio Fonseca, do PMDB, lidera com mais de 40%, porém os candidatos colocados em segundo e terceiro caem, abrindo a chance para o PT ir ao segundo turno.

TORCIDA

Em Curitiba, Recife, Fortaleza, Manaus, Cuiabá, Teresina, Boa Vista e Natal, embora as candidaturas populares cresçam, ainda estão distantes do primeiro lugar.

Em Palmas, capital do Tocantins, e Macapá, as forças populares não concorrem com candidatos a prefeito.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (1)	ELEITORES (2)	PREFEITO ATUAL		CANDIDATURAS DO CAMPO POPULAR		COLOCAÇÃO DOS PARTIDOS NAS PESQUISAS				
			NOME	PARTIDO	NOME	PARTIDO	COLIGAÇÃO	1º	2º	3º	4º
Boa Vista	126.742	60.746	Barac Bento	PFL	Clidenor Andrade	PT	PT, PC do B, PPS, PV				
Macapá	178.102	87.184	João A. Capibaribe	PSB	Ildegarda Alencar	PT	Não Coliga				
Belém	1.238.896	597.177	Augusto Resende	PTB	José Carlos Lima	PT	Não Coliga				
Manaus	1.009.774	482.005	Arthur Virgílio Neto	PSDB	Socorro Gomes	PC do B	PC do B, PPS, PV, PSDB, PMDB, PST, PTB	PFL	PCdoB	PSB	PT
Rio Branco	198.001	106.000	Arthur Virgílio Neto	PSDB	Bete Azize	PDT	PDT, PT, PSB, PC do B, PPS, PMN, PST, PSDB	PDC	PMDB	PL	PDT
Porto Velho	286.400	160.447	Jorge Kalume	PDS	Jorge Viana	PT	PT, PSDB, PDT, PPS, PV, PC do B	PT	PMDB	PFL	
Palmas	24.259	15.000 (3)	Francisco Erse	PTB	José Guedes	PSDB	PSDB, PMDB, PT	PSDB	PTB		
Cuiabá	403.292	207.000	Fenelon Sales	PFL	Sem candidato		PT, PDT				
Campo Grande	519.263	279.001	Frederico Campos	PFL	Gilney Viana	PT	PT	PDT	PFL	PT	
Goiânia	968.766	473.746	Dante de Oliveira	PDT	Zeca do PT	PDT	PDT	PMDB	PFL	PST	PT
São Luís	700.412	332.666	Lúdio Coelho	PTB	Darci Accorsi	PT	PT, PSDB, PC do B, PSB, PMN	PT	PMDB	PFL	
Teresina	596.191	260.015	Nion Albernaz	PSDB	Darci Accorsi	PT	PT, PSDB, PC do B, PSB, PMN	PFL	PSB	PT	
Fortaleza	1.617.907	889.863	Jackson Lago	PDT	Conceição Andrade	PSB	PSB, PPS, PC do B, PDT	PSDB	PT		
Natal	606.556	294.865 (3)	Heráclito Fontes	PMDB	Haroldo Sabóia	PT	Não Coliga				
João Pessoa	496.477	237.680	Juraci Magalhães	PMDB	Antônio J. de Medeiros	PT	Não Coliga	PSDB	PT		
Maceió	620.173	212.155	Manoel J. Souto	PDT	Arcelino Ribeiro	PPS	PPS, PSB, PV	PMDB	PSDB	PDT	PT
Aracaju	401.010	215.827	Manoel J. Souto	PDT	Lúcio Alcântara	PDT	PDT, PSB	PMDB	PSDB	PDT	PT
Recife	1.300.000 (4)	767.781	Vilma Faria Maia	PDT	Fernando Branquinho	PT	PT, PC				
Salvador	2.056.013	1.018.229	Carlos P. Mangueira	PDS	Manoel J. Souto	PT	Não Coliga	PMDB	PFL	PT	
Porto Alegre	1.262.631	850.002	Chico Lopes	PDS	Chico Lopes	PT	PT, PC do B, PPS, PSB	PDT	PMDB	PT	
Florianópolis	253.991	168.442	Pedro Vieira	PSC	Ronaldo Lessa	PSB	PSB, PT	PSDB	PSB	PFL	
Curitiba	1.290.142	839.244	Wellington Paixão	PSDB	Ismael Silva Santos	PT	PT, PSB	PDT	PT		
São Paulo	9.480.427	6.057.553	Gilberto Marques	PFL	Jackson Barreto	PDT	PDT, PC, PC do B, PV				
Rio de Janeiro	5.487.346	3.772.709	Humberto Costa	PT	Humberto Costa	PT	PT, PPS, PV	PMDB	PFL	PT	
Belo Horizonte	2.048.861	1.272.721	Eduardo Campos	PSB	Eduardo Campos	PSB	PSB, PDT, PC do B	PSDB	PFL	PMDB	
Vitória	256.090	162.739	Fernando José Rocha	PMDB	Lídice da Mata	PSDB	PSDB, PT, PSB, PC do B, PPS, PV, PDT, PMN	PSDB	PFL	PMDB	
			Olívio Dutra	PT	Tarso Genro	PT	PT, PPS, PSB	PT	PDT	PTB	
			Bulcão Viana	PFL	Sergio Grando	PPS	PPS, PT, PC, PSB, PV, MSR, PSB, PDT, PSDB	PPS	PMDB	PFL	
			Jaime Lerner	PDT	Dr. Rosinha	PT	PT, PC	PDT	PMDB	PFL	PRN
			Luiza Erundina	PT	Eduardo M. Seplicy	PT	PT, PSB, PC, PC do B	PDS	PT	PMDB	PSDB
			Marcelo Alencar	PDT	Benedita da Silva	PT	PT, PSB, PC, PPS e Convergência Socialista	PDT	PT	PRN	PMDB
			Eduardo Azeredo	PSDB	Patrus Ananias	PT	PT, PC do B, PV, PC, PSB	PL	PT	PMDB	PSDB
			Vitor Buoiz	PT	José Carlos Coser	PT	PT, PSB, PC do B e PDT	PFL	PSDB	PT	

(1) Censo de 1991 (2) Dados de 1990 (3) Recadastrado (4) Estimativa
* Municípios com mais de 200 mil eleitores terão dois turnos

to ao processo de *impeachment*. A derrota do Collor é metade da derrota de seu projeto. Acontece que grande parte do empresariado já não apóia mais o projeto neoliberal do Collor, porque a abertura da economia virou um desastre e o mundo mudou. Agora, as forças sociais, as forças empresariais e as forças do aparelho de Estado que apóiam a política neoliberal são muito fortes.

É possível tirar Collor e Marcílio ficar?

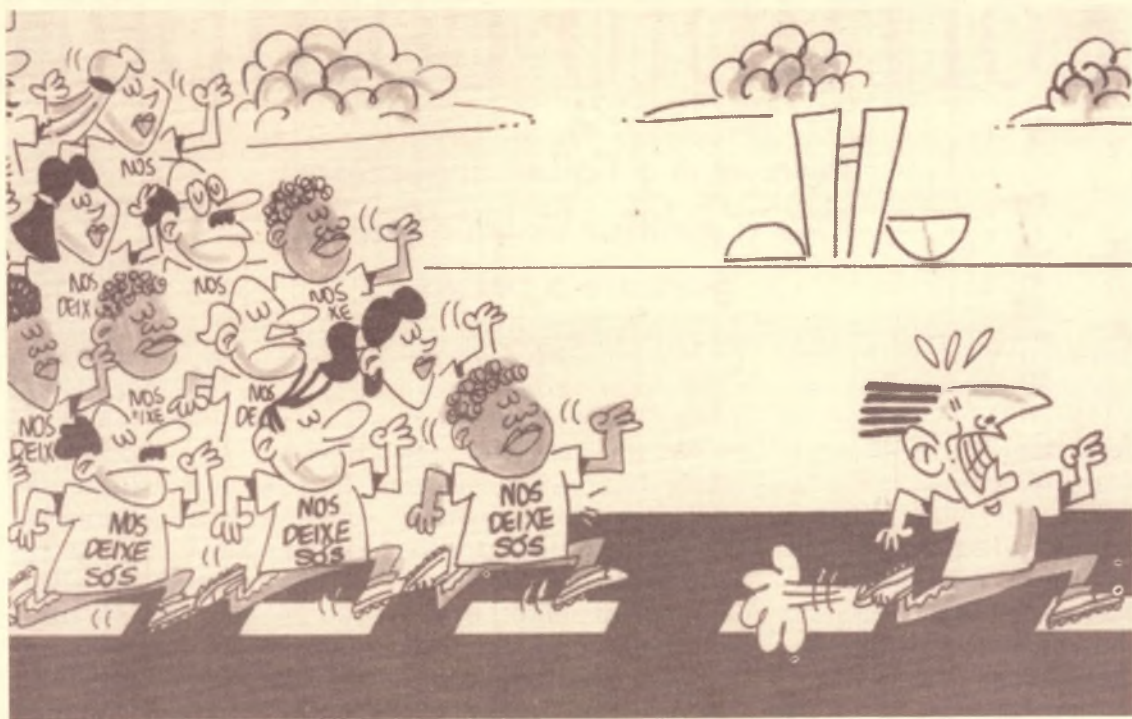
Defender a continuidade do Marcílio e da política econômica é trair o movimento pelo *impeachment*, porque dizer que um outro governo, com Marcílio, terá qualquer viabilidade político institucional no Brasil é desconhecer a realidade sócio-econômica brasileira.

Saindo Collor, o PT apóia a posse do vice?

Devemos defender a rigorosa e estrita aplicação da Constituição. A pior coisa que pode acontecer para os setores de esquerda é eles levantarem qualquer bandeira que vá contra a legalidade neste momento, porque a situação do país é muito grave. Tirar um presidente através do *impeachment* é um processo inédito no mundo. O Brasil é um país que tem condições sociais gravíssimas, há setores provocadores, criminosos, no esquema Collor, capazes de fazer qualquer coisa, e a tradição de intervenção das Forças Armadas na política é a pior possível.

E qual a posição do PT diante de um governo Itamar? União nacional contra a crise?

Sou radicalmente contrário a um governo de unidade nacional, porque não existe um governo com ACM, centro, direita e esquerda juntos. Nós devemos manter uma posição de afastamento do governo Itamar. Seremos oposição ao governo Itamar, na medida em que ele dê continuidade à política neoliberal e econômica do presidente Collor, ou à visão imperial e antidemocrática de exercício do poder. Mas o PT não pode dizer a sociedade que não tem responsabilidade na transição, porque nós somos o principal partido que lutou pelo *impeachment* e pela



apuração dos casos de corrupção. É claro que o PT não pode tratar Itamar como tratava Collor de Mello, até porque o vice-presidente - que não tem a expectativa de que o PT vá participar ou apoiar seu governo - tem deixado claro que quer manter diálogo, canal aberto, não só com o PT, mas com todos os partidos de esquerda e

movimento de estabilização do Collor quando da denúncia do Eriberto Freire França. Ele tentou se transformar numa espécie de conselheiro do Collor, para manter sua posição ímpar na política nacional, pensando em 1994. O discurso do Brizola é completamente kafkiano. Ao mesmo tempo que ele fala contra a privatização e

Defender a continuidade do Marcílio e da política econômica é trair o movimento pelo impeachment.

com o movimento sindical. Cabe a nós manter esse diálogo, deixando clara a nossa posição. Estamos dispostos, por exemplo, a discutir no Congresso Nacional uma agenda de reformas políticas e política econômica do presidente.

O Brizola chamou o PT de UDN de tamancos. O que você acha disso?

O Brizola é essa figura que nós vamos conhecendo e vamos nos decepcionando cada vez mais. Por um lado ele é brilhante, um político no verdadeiro sentido da palavra, um homem histórico, que esteve com João Goulart, fez a campanha da Legalidade, lutou contra a ditadura, um homem perseguido, que tem bases populares no Rio, que apesar dos acenos que fez em direção ao Figueiredo sempre lutou pela democracia no Brasil. No entanto, acho que agora começou a decadência do Brizola. Ele, junto com o ACM, foi o principal instru-

se diz o maior opositor da política econômica, ele apóia o presidente Collor, que é o principal responsável pela privatização e pela política econômica neste momento. E com isso ele jogou o PDT numa crise profunda. Não fosse o senador Maurício Correia e o deputado Miro Teixeira manterem uma unidade absoluta com as oposições - apesar dos que foram lá fazer o jogo do Brizola, como o Eduardo Mascarenhas, o Paulo Dantas, o próprio Vivaldo Barbosa, que é uma excelente figura, mas que às vezes fez um jogo que prejudicava a CPI...

Então eu faço a pior avaliação possível do sr. Leonel Brizola. Mas dentro do PT também tinha muita gente que dizia que era lacerdismo fazer denúncia, muita gente dizia que o importante eram as propostas alternativas.

O Brizola acusa o PT de tolerância frente ao Quêrcia, aos empresários, à Rede Globo...

Em primeiro lugar, o Brizola não tem nada a ver com as investigações sobre corrupção, o PDT nunca fez nada disso, nunca se interessou. Em segundo lugar, o Brizola não tem nada que ver com a VASP. Quem levantou, quem combateu solitariamente, foi o PT aqui em São Paulo. E o PDT está aliado ao quercismo aqui em São Paulo: o Airton Soares, que é homem do Brizola, é vice do Aloysio Nunes, candidato do PMDB à prefeitura paulistana. Quanto aos empresários, eles foram depor graças as articulações desenvolvidas pelo senador Suplicy. Na verdade, o PDT queria investigar os empresários e o Pedro Collor, deixando PC e o presidente de lado. A CPI da Vasp e a CPI da NEC estão lá e nós estamos tocando. Já existe um relatório do Brandão Monteiro sobre a NEC, que nós apoiamos - mas mesmo assim o Brizola fica nos caluniando, dizendo que o PT não apóia. Tudo fraude, mentira do Brizola. Ele constrange inclusive os deputados e senadores do PDT, que têm boa relação conosco, têm um programa comum conosco. Aliás, PT e PDT podem vir a governar Brasília juntos. Na verdade, o Brizola coloca os interesses eleitorais, partidários e pessoais acima dos interesses da sociedade brasileira.



PORCOS DE MÃOS LIMPAS

Separar a economia da política: esta é a frase do dia das forças da ordem no Brasil. É o que nos repete sem cessar a ilustrada *Folha* e o circunspeto *O Estado de S. Paulo*.

Ética na política: tudo bem, mas sem radicalismos. Ética na economia: nem pensar. "Grilagem ideológica", acusa em linguagem latifundiária o ministro Marcílio aos que querem ligar o movimento pela ética à condenação da política neoliberal. Um "gesto irracional", um atentado ao "bom senso nacional", critica Luís Nassif, colunista econômico da *Folha*, rebatendo o discurso de Barbosa Lima Sobrinho na entrega do pedido de *impeachment* ao Congresso. "Sabotagem corporativista", reage Roberto Campos à idéia de se proibir o uso de moedas podres para a venda de estatais.

PC e Marcílio. Salvar o programa neoliberal da ruína do governo Collor. Separar Marcílio "o digno", segundo Luiz Nassif, do desonrado PC Farias.

Segundo esse estranho raciocínio, nada há de comum no terreno da ética entre superfaturar o preço dos remédios para o tratamento de leprosos - como fez o irmão de PC na Ceme - e liberar completamente do controle de preços os remédios imprescindíveis ao tratamento do câncer e da AIDS - como fez Marcílio. Um é um ato de corrupção, o outro faz parte da moderna noção de "desregular o mercado".

O que pode haver de semelhança em termos morais, indaga a oposição conservadora, entre superfaturar obras de hospitais para as grandes empreiteiras - como fez PC - e subfaturar os salários de alguns milhões de miseráveis aposentados, como fez Marcílio? Um é um ato típico de corrupção; o outro resulta de uma austera administração do déficit público.

Nada mais moralmente condenável do que privatizar a gestão do Banco do Brasil, como faz o senhor Lafaiete Coutinho, pagando dívidas de usineiros com dinheiro público. Mas como chamar de "anti-ético" trocar bilhões de dólares do patrimônio de empresas estatais por "moedas podres", se isto faz parte do nosso caminho para a modernidade?

"A ética não tem nada a ver com as opções políticas", acredita certamente Marcílio. "A desigualdade é a chave do progresso", repetiria citando o lema sempre lembrado dos neoliberais. "É uma opção puramente econômica", concluiria, esfregando as mãos limpas enquanto segue o seu caminho, cercado de respeitosa dignidade.

JUAREZ GUIMARÃES

OPÇÕES EM VÍDEO PARA QUEM NÃO ASSISTE CALADO

Além da Rede Povo e O Modo Petista de Governar você também pode pedir 1º Congresso do PT, 10 Anos do PT, Programa Nacional do PT, Verde Verdade, Balbina, Nicaragua, Telecurso Sindical, Vídeo Revista I-II-III. Solicite catálogo ou peça por telefone. Enviamos para qualquer parte do país.



PEDIDOS PARA



AV. DR. ARNALDO, 128
CONSOLAÇÃO
CEP 01246-000 - SP - SP
Fone/Fax 259-8386

Um corrupto competente

**Menem é o Collor argentino.
Mas a política econômica lhe
garante o cargo.**

O presidente da Argentina, Carlos Menem, carrega no lombo uma bagagem de escândalos que, sob certos aspectos, é maior ainda que a do marajá do Palácio da Dinda. Além de contar com uma família cujo, digamos, desempenho no tráfico de influência faria os Malta/Farias e Cia. parecerem colegiais, Menem vem sendo cada vez mais identificado com o narcotráfico internacional, *carreira* à qual ainda não se conseguiu vincular diretamente Fernando Collor. E Menem não tem um só PC Farias. São muitos, desde a super-influente primeira-cunhada Amira Yoma (ver matéria ao lado) até o misterioso narcotraficante sírio Monzer al-Khassar.

CARTAS NA MANGA. Mas nesse embaralhar de cartas marcadas que é o governo argentino, o presidente tem dois ases de copas, que o vêm livrando do *impeachment*. O primeiro é a relativa estabilidade da economia; a taxa de inflação desabou dos 200% ao mês, em 1989, quando Menem assumiu o governo, para menos de 1%. O segundo ás na manga de Menem é sua "competência". Apesar de todas as acusações, suspeitas e testemunhos, há poucas provas concretas sobre o envolvimento do presidente nos sucessivos escândalos, ao contrário de Collor, cuja quadrilha revelou-se o maior bando de ladrões de galinha do mundo.

Desde sua posse, Menem já teve que mandar para casa duas dezenas de assessores do primeiro escalão, por corrupção e tráfico de influência. Um deles admitiu que importava um carro de luxo quase sem pagar impostos, usando os documentos de um ascensorista que contava com benefícios por ser deficiente físico. Menem teve até que intervir na província de Catamarca, onde um velho aliado, o governador e cacique político Ramón Saadi, acoberjava escandalosamente um bando de filhinhos-de-papai, envolvidos no estupro e morte de uma garota de 17 anos, durante uma festinha de embalo.

LAÇOS LÍBIOS. A maior bomba contra Menem, porém, envolveu sua conexão oriental. Primeiro foram as denúncias de que Amira Yoma fazia parte da rede internacional do narcotráfico. A

acusação envolvia também o primeiro escalão do governo sírio. O elo de ligação seria Monzer al-Khassar, suspeito de integrar a quadrilha que monopoliza a produção de drogas do Vale de Bekaa, no Líbano. Os chefões da turma, de acordo com jornalistas argentinos, seriam ninguém menos que o presidente sírio Hafez el-Assad e seu irmão Rifast.

Monzer al-Khassar estava muito perto de receber a cidadania argentina quando se divulgou que ele seria um agente duplo, sírio e norte-americano. Nessa qualidade, al-Khassar teria participado do atentado ao Jumbo da Pan Am sobre Lockerbie, na Escócia, em 1987, que matou 270 pessoas. O atentado era a desculpa que a Casa Branca utilizava para

preparar um ataque contra a Líbia de Muamar Gadafi. E a revelação do "affair Al-Khassar" foi curiosamente sucedida pela redução das pressões norte-americanas contra a Líbia.

Falando em Líbia, a ligação Menem-Gadafi foi o pivô de outro escândalo envolvendo o presidente argentino. Supostos intermediários vieram a público garantir que o líder líbio colaborou com US\$ 4 milhões para a campanha eleitoral de Menem e agora sentia-se traído, devido ao apoio argentino à Casa Branca no ataque ao Iraque de Saddam Hussein. Coincidência ou não, pouco depois das de-

núncias, desconhecidos mandaram pelos ares o prédio da Embaixada de Israel em Buenos Aires, matando 29 pessoas. Alguns vincularam o atentado a Gadafi, outros à Síria, outros ainda a Monzer al-Khassar. A verdade não veio à tona.

TRABALHO DE PROFISSIONAL. Seja como for, Carlos Menem sempre conseguiu chutar para escanteio as constantes marés de acusações. Um de seus instrumentos mais úteis era a ausência de provas conclusivas; tudo coisa de especialistas. Mas a relativa estabilidade econômica do país é que serve mesmo de cartão de visitas para que Menem continue ocupando a Casa Rosada, sede do governo. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, a política econômica ultraliberal, aplicada por meio do duríssimo Plano Carvalho, conseguiu derrubar a inflação. Os investimentos externos saltaram de US\$ 1,5 bilhão em 1989 para mais de US\$ 5 bilhões no ano passado. O governo também obteve uma redução ponderável no principal de sua dívida com os bancos privados e as organizações financeiras internacionais. "Nessa situação, o presidente pode até casar-se com dez mulheres e dançar até o amanhecer, que ninguém vai prestar atenção", comenta o jornalista Roberto Garcia, do diário *Âmbito Financiero*.

De qualquer forma, há dúvidas sobre a durabilidade da nova Argentina estável. Afinal, a economia dolarizada do país implica uma injeção de subsídios, ao que tudo indica, incompatível a longo prazo com o cumprimento dos acordos com o FMI e os bancos internacionais. O amplo processo de privatização de estatais também já começa a dar sinais de fadiga: o governo teve que recomprar parte das ações da empresa Aerolíneas Argentinas, para evitar a falência; e há sinais de que algum PC Farias trabalhou na transação. O agravamento dos problemas econômicos, de sua parte, acentuaria o poder explosivo das denúncias contra o presidente. Como diz uma piadinha local, os únicos integrantes do governo argentino que têm as mãos limpas são os que trabalham lavando narcodólares. Mas por enquanto Menem continua no comando da lavanderia.



CANAPI É EM LA RIOJA

Canapi e La Rioja ficam mais ou menos no mesmo lugar no mapa político da América latina: são áreas ultraperiféricas, que viram as suas máfias locais assumir o leme, respectivamente do Brasil e da Argentina. Os balofos Malta de Canapi são as falsas loiras Yoma, em La Rioja. Collor casou-se com Rosane, o que lhe garantiu o apoio da oligarquia Malta, fundamental para o controle político alagoano. Menem casou-se com Zulema e a influência dos Yoma lhe deu os contatos e o staff necessário para fazer La Riona mudar-se para o palácio presidencial. E tanto os Malta como seus primos argentinos fizeram os respectivos presidentes passar por maus bocados.

SEXO E DROGAS. Carlos Menem comeu o pão que Zulema amassou, depois de namorar sem qualquer discrição um verdadeiro harém, incluindo desde a líder liberal Maria Julia Alsogarayatá a vedete "Yukito" (conhecida por seu enorme busto), passando por rumores derivados de sua amizade com a brasileira Xuxa.

Furiosa depois de saber que Menem e o filho Carlito disputavam a mesma mulher, uma professora de educação sexual pela TV, Zulema botou seus tanques verbais na rua. Denunciou o marido como mulherengo, corrupto e insinuou uma ligação entre o mandatário e o narcotráfico. "Se vocês querem saber algo sobre drogas, perguntem a Menem", disparou ela aos jornalistas, depois de ser expulsa da residência oficial de Olivos, pelo marido.

A falsa loira Zulema não foi o único petardo que os Yoma reservaram para o

patrício. Dois irmãos da ex-primeira-dama, Karim e Emir, foram defenestrados do primeiro escalão, sob suspeita de envolvimento em casos de corrupção e tráfico de influência. A grande pedra riojana no sapato de Carlos Menem, no entanto, seria outra falsa loira, Amira Yoma, cunhada do presidente e encarregada de sua agenda. Ela e seus asselas costumavam cobrar entre 5 e 10 mil dólares para "dar um jeitinho" e incluir uma entrevista com Menem, segundo disse ao *Brasil Agora* uma das candidatas à vítima.

GENTE FINA. O marido de Amira, ex-coronel sírio Ibrahim al-Ibrahim, chefiava a alfândega do Aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires (falando, aliás, um espanhol dos mais macarrônicos), e fazia vista grossa para as grandes malas que a esposa fazia passar, sempre com milhões de dólares, ao que tudo indica em operações de lavagem de narcodólares. Amira envolveu-se comercial e afetivamente com o sinistro Monzer al-Khassar, para quem quase conseguiu a cidadania argentina. O arreglo só não deu certo porque Menem suspendeu a cidadania diante da grita geral.

Ibrahim al-Ibrahim demitiu-se do cargo e pagou 40 mil dólares para ser preso. Zulema Yoma não mora mais no Palácio de Olivos. Amira Yoma e os demais Irmãos Metralhas oficialmente estão fora do poder. Mesmo assim, a sombra da famiglia riojana permanece sobre Menem e, como afirmou um analista argentino, "o que eles sabem mantém os testículos do presidente presos em uma morsa, só à espera do próximo apertão". (J.B.)

Minutos de massacre

Mais uma vez, mobilização do CNA é recebida com chumbo pela direita

A chacina ocorrida na África do Sul, no Bantustão de Ciskei, no dia 7 de setembro, quando as forças do governador Joshua Oupa Gqozo atiraram nos 60 mil manifestantes que exigiam sua renúncia, deixando 28 mortos e 200 feridos, torna evidente a intransigência do regime do *apartheid*.

ANTECEDENTES. Ciskei, com uma população de 2 milhões, 30% desempregados, foi declarado território negro independente em 1981 - sendo reconhecido apenas pela África do Sul - mas depende econômica e politicamente de Pretória...

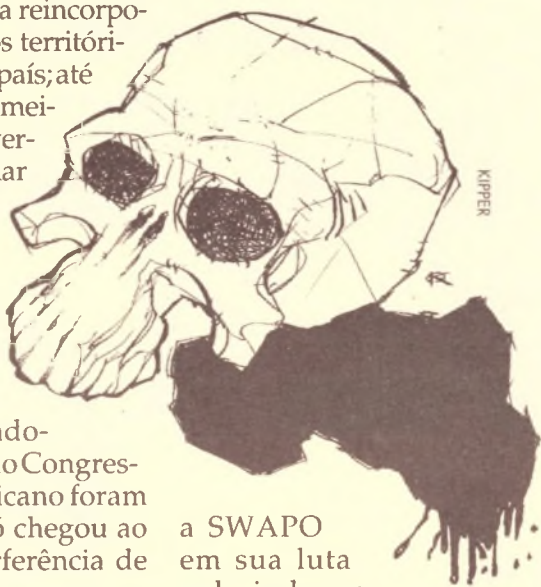
Oupa Gqozo assumiu o poder, após derrubar o fascista Lennox Sebe, com a promessa de reintegrar Ciskei à África do Sul.

Por algum tempo teve a simpatia do CNA e das forças progressistas sul-africana-

nas, que exigem a reincorporação política dos territórios ao restante do país; até que, ainda no primeiro ano de seu governo, passou a apoiar o regime branco.

Em outubro de 1991, Gqozo declarou Estado de Emergência, sob o qual milhares de apoiadores e militantes do Congresso Nacional Africano foram presos, o que só chegou ao fim com a interferência de Mandela.

As forças militares do Ciskei são integradas por membros das polícias especiais e da inteligência sul-africana - como o chefe de polícia Marius Oelsching, responsável pela chacina, além de soldados negros originários de países de língua portuguesa e membros das forças que combateram



a SWAPO em sua luta pela independência da Namíbia.

CINCO MINUTOS. A multidão que caminhou 6 quilômetros, de King Williams até Bisho, capital de Ciskei, estava sob ameaça e isso não era ignorado pela direção do CNA e nem pelos civis.

Entretanto, a brutalidade criminosa do regime,

manifesta nos cinco minutos de fuzilamento público, está além de qualquer interpretação sã ou racional.

O argumento de De Klerck, que diz ter alertado para o perigo, assim como a alegação de que o presidente sul-africano não controla as forças policiais responsáveis pelo massacre, são no mínimo a comprovação de sua própria má-fé e envolvimento direto com o ocorrido.

A mobilização do dia 7 de setembro integrava as pressões do CNA para agilizar os processos de negociação para a inclusão dos bantustões que, por sua própria existência, e pelo que representam nas relações sócio-culturais e políticas, enfraquecem o tecido social e dificultam a construção da idéia de nação, simbolizado pela palavra-de-ordem que expressa o sonho: "uma Azânia, uma Nação!"

DULCE PEREIRA

NICARÁGUA

E por falar em maremoto

Estados Unidos tentam humilhar o país; sandinistas reagem.

A presidente Violeta Chamorro acabou destituindo o chefe nacional da Polícia, comandante Rene Rivas, e outros onze altos oficiais, ainda que negando que essas mudanças tivessem relação com as pressões norte-americanas. Que pressões? O governo dos Estados Unidos, a pedido do deputado republicano Jesse Helms, bloqueou mais de 100 milhões de dólares de ajuda à Nicarágua, exigindo, entre outros pontos, a mudança dos quadros da Polícia Nacional.

A chamada "Nota Moss", informe de 140 páginas produzido pela assistente de Jesse Helms, Deborah De Moss, exige do governo Chamorro "mudanças dramáticas", recomendando que os Estados Unidos não concedam nenhuma assistência à Nicarágua em 1992 e em 1993, até o cumprimento de sete condições, entre elas a substituição das lideranças do Exército (EPS, Exército Popular Sandinista) e da Polícia por ex-membros da Resistência (Contras).

Exige também a devolu-

ção das propriedades confiscadas a norte-americanos e nicaraguenses, a promoção de novos "magistrados" e o julgamento dos culpados por mortes de Contras. Acusa, ademais, o governo Chamorro de descumprir promessas eleitorais e afirma que "nenhum cidadão norte-americano recebeu sua propriedade de volta". Propõe, ainda, a formação de uma comissão para verificação do cumprimento das condições, formada pelo cardeal Obando y Bravo, ex-membros da Resistência, or-

ganizações de direitos humanos e setor privado.

Enquanto isso, a Direção Nacional da Frente Sandinista convoca todos os setores sociais e políticos à defesa da soberania nacional. "O futuro deste governo", nas palavras do ex-presidente Daniel Ortega, "dependerá da atitude que assumirá frente aos Estados Unidos. O povo não reconhecerá como legítimo um governo que entrega a soberania nacional."

NANI STUART

PIMENTA SEM REFRESCO

SE QUISER. "Ah, a vergonha de Collor." A frase é do falecido Paulo Francis, em sua coluna (calúnia?) no *Estadão*. Agora virou-casaca, o bruto. É bom lembrar que o pivô da saída de Francis da *Folha* foi sua amizade collorizada com Fernandinho, o da futura camisa listrada. Será que Francis resiste a uma CPI?

CABEÇA-DURA. Parece marcação, mas é verdade. Deu no *Estadão*. Na guerra civil do Tadjiquistão (ex-URSS), alguns milicianos usam "capacetes norte-americanos de beisebol". Só se for na cabeça do reator, já que beisebol se joga mesmo é com aqueles bonézinhos que a garotada dos shoppings adora.

NOTICIÁRIO. Falando em internacional, vale a pena dar uma olhadinha no *Jornal da Bandeirantes*, que agora traz blocos com imagens de arquivo para explicar tópicos importantes. Coisa nova na TV brasileira, sob o comando do competente Bernardo Carvalho e os comentários do sempre eficiente Newton Carlos. Pronto. Tá feito o comercial.

SAUDADES. Puxa vida... Que falta fizeram os livros das falecidas URSS, Iugoslávia, Alemanha Oriental e da enfraquecida Cuba na Bienal do Livro, São Paulo.

JAYME BRENNER



Por que eu assino Brasil Agora?



Eu assino o **Brasil Agora** porque acho importante um jornal que informe e analise os fatos com honestidade e compromisso com as causas populares.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente do PT

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 64.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 128.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 198.000,00

BRASIL AGORA



Assine você também

DEMISSÕES E GREVES

A nova direção da Companhia Siderúrgica de Tubarão, (Vitória, Espírito Santo), privatizada há dois meses pretende demitir 2 mil trabalhadores até a primeira quinzena de setembro.

A direção da empresa se recusa a discutir com os trabalhadores o plano de reestruturação que "motivou" as demissões. Muitos empregados vieram de outros estados e não têm como voltar agora. Outros estão com leucopenia (doença provocada pelos gases tóxicos) e mesmo assim estão sendo pressionados à demissão voluntária, intitulada pela empresa de "plano de incentivos". A atividade comercial da região está paralisada devido a crise econômica, não tendo como absorver de imediato este elevado número de desempregados.

No último dia 5, o Sindicato dos Metalúrgicos de Vitória realizou uma manifestação na portaria da empresa. O ato reuniu cerca de 3 mil pessoas, inclusive entidades e autoridades locais. Agora o SINDIMATEL está convocando partidos e entidades da sociedade civil a enviarem telegramas para a direção da empresa, contestando as demissões.

PETROLEIROS. No dia 9, quarta-feira, os trabalhadores da Petrobrás - que estão em campanha salarial - cruzaram os braços por 24 horas em todo país em protesto pelo não atendimento de suas principais reivindicações por parte da direção da Petrobrás.

São elas: garantia no emprego, segurança no trabalho, reposição do efetivo mínimo da empresa, reintegração dos demitidos pelo governo Collor (são mais de 800 em todo o país), retomada dos investimentos, reposição das perdas salariais de setembro/91 até agora. A contraproposta da empresa foi rejeitada pelos trabalhadores.

500 ANOS. A Secretaria Municipal de Cultura realizará, de 14 a 18 de setembro, o seminário internacional "500 anos: América Latina entre passado e futuro". A abertura será no dia 13 de setembro, no Centro Cultural São Paulo, sala Adoniran Barbosa.



ARQUIVO SINDICATO METALÚRGICOS/SBC

MOBILIZAÇÃO

Braços cruzados no dia D

Jair Meneguelli promete: vamos parar o Brasil no dia da votação do impeachment.

Até agora o movimento estudantil tem sobressaído nas manifestações. Com a proposta de uma paralisação nacional no dia da votação do impeachment, a participação dos trabalhadores pode ganhar uma nova amplitude. Que iniciativas a CUT tem adotado para tornar esta proposta viável?

Apesar da presença estudantil ter sido extraordinariamente importante, pelo menos desde o dia 25 de julho tem havido importantes manifestações em todo o país com uma participação social mais ampla. Em São Bernardo, por exemplo, houve no dia 25 último uma manifestação com 60 mil pessoas, com os operários saindo das fábricas em passeatas. Agora, já há acordo das outras entidades que participam do Foro Nacional pela Ética na Política - e inclusive de alguns governadores - sobre a proposta de uma paralisação cívica nacional no dia da votação da admissibilidade do impeachment. Neste dia, todo o Brasil tem de estar atento à votação. Por isso, estamos propondo que se paralise o Brasil, que todos venham para as praças públicas, com rádios, tevês, telões, para acompanhar esta votação histórica.

Lembro que em abril de 1984, quando da votação da Emenda Dante de Oliveira, a CUT propôs uma paralisação

nacional, mas a proposta acabou sendo rejeitada, pela pressão entre outros do PMDB. O que mudou de lá pra cá?

Naquela conjuntura havia uma grande adesão à proposta das diretas, mas hoje há uma indignação bem maior. É uma indignação contra o desemprego, a falta de moradia, a perda do poder aquisitivo e principalmente com a corrupção. E eu tenho a certeza que, aconteça o que acontecer com o presidente da República, este país não será mais o mesmo: a partir de agora, a questão da ética, da honestidade, da dignidade, vão estar colocadas em todos os momentos. Hoje o clima é muito mais favorável a uma paralisação cívica nacional.

Houve uma reação muito forte de alguns setores empresariais - à idéia de se vincular o movimento pela ética na política à crítica do programa neoliberal. O que você pensa sobre isso?

Uma onça, quando está acuada, tenta esparnar com as quatro patas para ver se se salva. Mas as coisas ficaram evidentes: este governo conseguiu deteriorar o país. Na Grande São Paulo, durante a década de oitenta havia cerca de quinhentos mil desempregados; hoje são um milhão e trezentos mil. Há um arrocho salarial violento. Existem hoje no Brasil cerca de novecentas mil empresas em concor-



ROBERTO PANZOTTI

“Que todos venham para as praças públicas - com rádios, tevês, telões - para acompanhar a votação histórica.”

Como você avalia o comportamento de Luis Antônio Medeiros, em meio a toda esta crise do governo Collor, com sua adesão tardia à posição do impeachment?

Em primeiro lugar, é um equívoco, está enganado todo aquele que imagina que a luta de classes tenha terminado. Está equivocado aquele que imagina que algum dia a luta de classes vá terminar. Isto não é possível. Isto é próprio do ser

humano. A exploração é própria do ser humano e vai continuar existindo em qualquer sistema, em qualquer regime. O Medeiros pode imaginar que vai resolver os problemas de seus representados simplesmente numa mesa de negociações. Está errado. A mesa de negociações tem de ser usada e serve sim na tentativa de diminuir os conflitos. Mas numa mesa de negociações é que você descobre que há interesses diversos entre os trabalhadores e os empregadores. Pode ser que haja até alguns pontos comuns; claro que quero o desenvolvimento, claro que quero o crescimento das empresas porque assim haverá mais empregos e possivelmente mais salários. Mas isto não é automático: mesmo se houver crescimento é um equívoco imaginar que os salários vão melhorar sem a nossa luta. É uma ilusão imaginar que você pode resolver os problemas bebendo, sei lá, um copo de uísque com os empresários. Temos que estar sempre preparados para, quando acontecer impasse nas negociações, termos capacidade de mobilizar, de pressionar.

O país está sendo destruído por este projeto neoliberal. Então, há uma consciência de que não é "fora Collor" apenas porque ele está envolvido em corrupção; é "fora Collor" também pelo projeto neoliberal que está destruindo o país.

Nesta crise foi exposto o modo absurdo como a corrupção lida com os fundos dos trabalhadores (PIS-PASEP, FGTS, FAT) e a Previdência. A CUT tem alguma proposta para restabelecer o controle sobre estes fundos e órgãos?

Recentemente houve até a intenção do ministro da Economia, de usar dinheiro do FAT, que é para desempregados, para comprar votos de parlamentares no Congresso. Mas isso é antigo. Eu me lembro de uma ocasião, quando terminava a intervenção federal no Sindicato dos Condutores de Veículos do ABC, fomos eu e o presidente do Sindicato até o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, buscar verbas dos 20% que eram tirados do imposto sindical para o Ministério do Trabalho e ele nos disse que o dinheiro havia sido empregado na construção da Usina de Itaipu. Estes fundos foram sempre manipulados, porque nunca tiveram a vigilância dos trabalhadores. Eles têm de ter no mínimo a participação dos trabalhadores, até mesmo se for em gestões tripartites.

collor
JÁ VAI TARDE!

Nas ruas, os novos carapintadas - a alegre estudantada, a "massa", como se diz no jargão político de esquerda.

Saíram de colégios públicos e particulares, de

universidades e do ensino fundamental, juntando setores (públicos e privados) que antes, freqüentemente, manifestavam-se separadamente. Anuidades uns, verbas públicas outros. A imprensa de inspiração conservadora no país logo botou-se à caça deste novo, ou antigo, personagem, que saía ou voltava às ruas, querendo enquadrá-lo em rótulos de consumo: é coisa teen, é coisa que vai muito além dos "atrasados esquerdistas" das direções que defendem Cuba e outras bandeiras vistas como dinossauros do passado. Não faltaram também comentaristas que se apressaram em dizer que essa juventude de agora nada tinha a ver com a de 1968, com certeza temerosos de que os velhos fantasmas de uma rebeldia ainda insuperada viessem assombrá-los novamente. Aqui **Brasil Agora** discute cara a cara com as novas lideranças qual o destino desse renascimento: falam Olindo Lindbergh, paraibano, 22 anos, presidente da União Nacional dos Estudantes, e Fabiano Pereira, 17 anos, secretário-geral da União Brasileira de Estudantes Secundaristas. E eles mandam bala: os estudantes vieram para ficar.

COM A BOCA NO MUNDO



MATIUTI MAYER / FOLHA IMAGEM

OLINDO LINDBERGH

Fim da história não cola

Por que a juventude foi às ruas?

O que levou a juventude para as ruas foi a indignação com esse Brasil, de fome, corrupção e miséria. Os escândalos financeiros, os PCs da vida, a história fantástica da Operação Uruguai do Cláudio Vieira.

Associada a essa situação toda, o problema concreto da juventude. O aumento das mensalidades, a falta de verbas para o funcionamento do CNPq, a falta de perspectivas.

Um protesto porque o Collor é ladrão, outro porque houve aumento da mensalidade, outro porque o pai está desempregado, outro porque não vê perspectiva de vida no futuro. A crise do país está forçando esta juventude a se mobilizar. Por mais que exista um vislumbre individualista da sociedade, a juventude acredita na transformação. Aquela versão de que a história acabou não cola para a juventude.

Qual a influência dos Anos Rebeldes na mobilização?

Eu acho que a série não foi de forma alguma determinante. Importante foi a bandeira que mobilizou essa juventude. O movimento estudantil tinha há pouco tempo bandeiras corporativas, específicas. Hoje tem uma bandeira unificada.

A minissérie pode ter jogado um papel positivo nesse processo. Porque ela mostrou o papel histórico da juventude em outro período, resgatou um momento importante, apesar da forma es-

tereotipada. Como aquele João Alfredo, extremamente chato. Acho que a juventude pensou: "na década de 60 eles foram às ruas lutar contra a ditadura, e hoje o país está se acabando, o que eu vou fazer?".

Como vai a rearticulação da UNE?

A UNE não foi só 1968 e 1992. Teve 1977 e em 1979 a luta pela Anistia. A reconstrução da UNE foi precedida de amplas mobilizações populares, milhares de estudantes foram às ruas. A UNE teve papel nas diretas e até 1986 jogou um grande papel no processo de democratização do país.

O movimento estudantil, sindical, sem-terra, respondem a uma determinada situação da realidade. É uma visão idealista pensar que estão sempre em alta ou em baixa. Essa visão, inclusive, fez alguns pensarem pouco tempo atrás que a UNE e o movimento estudantil eram uma merda e que nós estávamos mortos. Porém havia manifestações contra o aumento das mensalidades nas escolas particulares, nas públicas aconteciam debates. O que faltava era uma bandeira que aglutinasse esses diversos sentimentos.

A UNE então voltou para ficar?

A UNE volta a ser um espaço de referência para os estudantes por um único motivo: eles viram que não adianta ficar só. E a UNE é o instrumento. Mas nós vamos ter pe-



BEL FIDROSKA / FOLHA IMAGEM

ríodos de refluxo também.

O que nós estamos querendo, agora, é aproveitar este momento de alta e dar um salto orgânico. Trazer mais pessoas para o movimento estudantil, para a UNE, pessoas para formarem mais Centros Acadêmicos e DCEs.

E quando e se Collor cair ou sair?

Depois do impeachment nós queremos interferir em questões mais gerais. Devemos interferir no governo Itamar, para que rompa com essa política econômica dependente, neoliberal, que mude o ministro da Economia. Em relação ao ensino, devemos fazer uma grande marcha para garantir educação gratuita e de boa qualidade.

Tudo indica que o impeachment é inevitável. Nós achamos que essa participação da juventude nas ruas hoje funciona como um aprendizado político. É ilusão a gente querer que a juventude tenha tudo claro na cabeça.

FABIANO PEREIRA

SAINDO DO ANONIMATO

O movimento estudantil está partidizando as manifestações anti-Collor? Segundo Fabiano Pereira, secretário-geral da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e membro da sua Executiva Nacional, não. Fabiano é estudante do colégio estadual Manuel Ribas, de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul. Ele reconhece que as lideranças do movimento estudantil são fortemente marcadas por suas opções partidárias, o que se reflete no modo de repartir os cargos diretivos. Por exemplo, na UBES, as lideranças são divididas de acordo com suas carteirinhas. A direção nacional tem 9 membros do MR-8, 5 do PCdoB, 3 do PT (onde ele se inclui) e 1 da Convergência Socialista. Mas para ele o renascimento do movimento estudantil vai além da questão partidária. Os jovens saem às ruas movidos mesmo é pela indignação contra o governo Collor e contra a corrupção. Aposta também a forte presença de um elemento que qualifica de "subjetivo" nas manifestações, ou seja, um desejo de sair do anonimato e definir um perfil de participação nos destinos do país. É claro, diz ele, que a presença do seriado Anos Rebeldes da Globo, junto com outros apelos da imprensa convencional, também ajuda nas mobilizações, abrindo o espaço da recuperação do caráter historicamente combativo que os estudantes, coletivamente, sempre tiveram no Brasil; mas o mais importante é o desejo de viver num país melhor e mais justo no presente e no futuro. É com o futuro, aliás, que Fabiano mostra-se mais preocupado: terá o movimento estudantil capacidade de tirar um saldo organizativo de peso das atuais manifestações? Conta ele que é muito grande o número de estudantes que procuram as sedes nacionais da UNE e da UBES para saber como podem se organizar em Grêmios e Centros Acadêmicos. Reencontrando-se com bandeiras de caráter nacional, os estudantes voltaram a representar anseios coletivos mais amplos do que os contornos de sua própria categoria. A questão agora é como não deixar se esvaír esse patrimônio recuperado.



LUSCAR

A CPI

Você estava por dentro da CPI sobre o caso PC Farias antes de se envolver?

Eu acompanhava por tabela, porque o meu chefe (Alcides Diniz) comentava e eu lia um pouquinho dos jornais. Mas quando vi uma pequena amostra ao vivo me indignei. Pensei: "se aqui acontece isto, imagina lá em Brasília". Eu fiquei meio chateada de trair o meu chefe, com quem trabalhava desde março de 1989. Mas eles mentiam para milhões em defesa do Collor. Nem era em causa própria. Se bem que não tinha a pretensão de ser arrolada como testemunha no processo de impeachment. Outro dia alguém veio me acusar de ser do PT. Em primeiro lugar, não admito ser acusada. Eu sou simpatizante, e não militante ou filiada.

O POVO BRASILEIRO

Você acha que o povo tem culpa nisto tudo que está acontecendo ao país?

Não somos um povo pacífico, somos um povo covarde. Temos medo, porque um idiota qualquer chegou lá em cima, começou a ditar normas, a fazer pressão e abafou nossa voz. Não vou falar que o povo não sabe votar. Eles só têm a informação da Rede Globo, esta lavagem cerebral. Sou contra o voto dos analfabetos porque a pessoa que quer ser cidadã tem de estudar, senão troca o voto por um sabonete. Não é só culpa do governo, é nossa, nós que elegemos e não cobramos. Vejo por aqui onde moro. A classe média é quem mais reclama, sempre fala dos preços e não faz nada. E vai votar no Maluf. Que loucura! Bem, eu mesma já cometi erros gravíssimos: votei no Maluf. Eu não carrego o peso de ter votado no Collor, mas na vida a gente muito mais erra do que acerta.

O BRASIL DO FUTURO

O que você espera do Brasil para sua filha?

Eu espero para a minha filha um país menos hipócrita. Fico imaginando minha filha com dez anos. Espero ter escola e sistema de saúde públicos e decentes. Afinal não é uma coisa tão difícil assim. Basta empregar o dinheiro direitinho. A distribuição de renda deveria ser mais justa, com menos miséria. O processo de impeachment deu pra gente amadurecer um pouco. De repente as pessoas descobriram que pressionar vai valer alguma coisa. É que o processo não depende de atos isolados. O nosso problema é o extremo individualismo. Espero a revogação da lei de Gerson.

E N T R E V I S T A



FERNANDA ESTIMA

SANDRA OLIVEIRA FERNANDES

Ela testemunhou na CPI do caso PC Farias, critica a classe média, torce por um país com menos miséria, ganhou uma bolsa de estudos no cursinho Equipe, é mística, lia Tarô, escondeu militantes da luta armada em sua casa e hoje é simpatizante do PT.

Ela ficou chateada porque traiu o chefe, é contra o voto dos analfabetos, teve uma vida supercomum, é secretária profissional, descobriu que é filha de Oxóssi e foi Rosa Cruz durante cinco anos.

Ela é Sandra Oliveira Fernandes, 42, ex-secretária da ASD Empreendimentos e Participações, do empresário Alcides Diniz, o Cidão. Casada com Fidelsino Souza Bonfim - que apesar do que disse a imprensa não é militante de nenhum partido -, Sandra está grávida de sete meses. Em entrevista a Adélia Chagas e Flávio Aguiar, ela falou de tudo um pouco e principalmente do presidente, que ela quer que vá para a cadeia, junto com "aquela mulher, que não serve nem para primeira-dama de cachorro". Estes últimos que nos perdoem, mas ela tem razão. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

A HISTÓRIA ANTES DESTA

Eu tive uma vida supercomum. Minha família estava bem em Jundiá e então os planos mudaram bruscamente. Eu vim para São Paulo em 1968, quando meus pais se separaram. Na época, a indústria de refrigeração do meu pai faliu, ele foi muito confiante, queria aproveitar a vida. Deixou os negócios na mão dos outros e perdeu tudo. Fiquei na casa de parentes com a minha mãe, e meus três irmãos foram morar separados. Queria continuar nos estudos, gostava muito de escrever poesia, achei que poderia ser jornalista.

O TRABALHO

Influenciada por parentes fiz curso de datilografia e arrumei emprego na própria escola de datilografia. Morava em quarto alugado com a minha mãe. A situação econômica era precária. Arrumei um emprego de auxiliar de escritório, mas aí a minha mãe passou a depender exclusivamente de mim por causa de um câncer de mama. Então eu ganhei uma bolsa de estudos de 50% no cursinho Equipe. Tinha muita vontade de estudar ainda. Na época de fazer o vestibular, eu não tinha dinheiro para fazer a inscrição, tentei arranjar emprestado e

não consegui. Eu tinha prioridades: comprar os remédios. Isto me revoltou muito, afinal de contas estava preparada. Eu ia prestar para comunicação, mas na verdade queria fazer filosofia. Não deu nada certo. Andava chorando na rua, escrevia. A minha mãe continuou muito mal, eu chegava à noite em casa e fazia os serviços domésticos. Consegui alugar um apartamentinho, abandonei mesmo a idéia de estudar. Esta minha vida durou até 1974. Arrumei um bom emprego. Minha mãe precisou amputar o braço. Nesse meio tempo, fiz cursos paralelos para me ajudar na minha profissão.

ANOS REBELDES

Na época, aconteciam muitos movimentos políticos. Acompanhei de longe. Cheguei a esconder duas pessoas em casa. Um amigo, militante da ALN, e minha prima. Hoje ela é super burguesa, mas aprendeu guerrilha em Cuba. Depois ela ficou um ano escondida numa fazenda. Percebi como a coisa era pesada.

Elas me contavam de amigos desaparecidos e mortos. Eu me assustava muito. Era contra, mas o caminho era assim: se você falasse, tinha que se juntar naqueles aparelhos e esquecer da vida. Mas eu perguntava: e a minha mãe?

LEITURAS E RELIGIÃO

Nessa época eu comecei a ficar muito ligada em ficção científica: Arthur Clarke, Isaac Asimov eram os meus ídolos. Gostava do Hemingway também. Tinha paixão pela Revista Civilização Brasileira e pela Planeta, que hoje é uma droga. Em 1972, eu tomei contato com o Tarô. Gostava, mas eu morria de vergonha. Estudei religião. Conheci todas, a Católica - sou católica - Protestante, Seicho-nô-ie, Candomblé. Descobri que era filha de Oxóssi, achei simpático, comprava vela verde, era meio ecológico. Fiquei cinco anos na Rosa Cruz, fiz todos os graus. Até perder a paciência com a pretensão dos meus colegas. Eles se julgavam donos da verdade.

SOLIDÃO E CORAGEM

Essas religiões não chegam a lugar nenhum. Isto é duro, saber que você está só. A gente tem que se dar um tempo, se ouvir. Você é uma pessoa igual a milhões e está sozinha com a sua religiosidade. Na verdade, não se encontra conforto fora. Tem um padre, uma seita, luzinhas assim, que aparentemente te aliviam. Agora, por exemplo, eu tenho até uns inimigos poderosos. Não preciso procurar forças fora, dependendo da minha coragem.



BRASIL AGORA

